

A FORMAÇÃO DISCURSIVA DA MENTALIDADE DE GESTÃO ORIUNDA DA ÉPOCA DAS GRANDES EMPRESAS NA FRONTEIRA DA PAZ¹

Amanda Regina Santos Rodrigues²
Igor Baptista de Oliveira Medeiros³

RESUMO

Este estudo buscou analisar como se formou o discurso da mentalidade de gestão oriundo da época das grandes empresas de Sant'Ana do Livramento/RS, localizada na Fronteira da Paz. Para isso, buscamos, de maneira específica: identificar os enunciados que sustentam a formação discursiva da mentalidade de gestão até hoje; e investigar como os envolvidos com esse discurso gerencial vêm se constituindo a partir dele. Os objetivos foram alcançados através do método genealógico, sugerido por Michel Foucault, através da análise enunciativa dos dados coletados e entrevistas com dezoito pessoas que trabalharam nas empresas. Na análise, manifestaram-se cinco enunciados: da nostalgia, da politização/despolitização, do conformismo, da disciplina e o do mandonismo. Ficou exposto que os enunciados influenciam na vida cotidiana dos sujeitos, mas está mudando ao longo dos anos e a Universidade Federal do Pampa tem atuado nesse processo de transformação cultural.

Palavras-Chave: Formação discursiva; análise enunciativa; mentalidade de gestão; discurso gerencial, história do trabalho.

LA FORMACIÓN DISCURSIVA DE LA MENTALIDAD DE GESTIÓN DESDE LA ÉPOCA DE LAS GRANDES EMPRESAS EN FRONTERA DE PAZ

RESUMEN

Este estudio buscó analizar cómo se formó el discurso de la mentalidad gerencial a partir de la época de las grandes empresas de Sant'Ana do Livramento/RS, ubicada en Fronteira da Paz. Para ello, buscamos específicamente: identificar los enunciados que sustentan la formación discursiva de la mentalidad gerencial actual; e indagar cómo se constituyen a partir de él los involucrados con este discurso gerencial. Los objetivos se lograron a través del método genealógico, sugerido por Michel Foucault, a través del análisis enunciativo de los datos recolectados y entrevistas a dieciocho personas que laboraban en las empresas. En el análisis aparecieron cinco afirmaciones: nostalgia, politización/despolitización, conformismo, disciplina y mandonería. Se expuso que los

¹Agradecemos à Universidade Federal do Pampa e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo apoio financeiro que tornou esse artigo possível.

²Graduanda em Administração pela Universidade Federal do Pampa. Bolsista PROBIC/FAPERGS.

³Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa (PPGA/UNIPAMPA). Doutor e Mestre em Administração pelo PPGA/EA/UFRGS.

enunciados influyen em la vida cotidiana de los sujetos, pero va cambiando a lo largo de los años, y la Universidad Federal de Pampa há estado involucrada em este proceso de desarrollo.

Palabras clave: Formación discursiva; análisis enunciativo; mentalidad de gestión; discurso empresarial, historia del trabajo.

THE DISCURSIVE FORMATION OF MANAGERIAL MENTALITY ARISING FROM THE TIME OF LARGE COMPANIES IN THE BORDER OF PEACE

ABSTRACT

This study sought to analyze how the discourse of managerial mentality was formed from the time of the large companies of Sant'Ana do Livramento/RS, located in Fronteira da Paz. To this end, we specifically seek: to identify the statements that support the discursive formation of the current managerial mentality; and to investigate how those involved with this managerial discourse are constituted from it. The objectives were reached through the genealogical method, suggested by Michel Foucault, through the enunciative analysis of the collected data and interviews with eighteen people who worked in the companies. In the analysis, five enunciation appeared: nostalgia, politicization/depoliticization, conformism, discipline and bossiness. It was exposed that these enunciatives influence the daily life of the subjects, but it is changing over the years, and the Federal University of Pampa has been involved in this cultural transformation process.

Keywords: Discursive formation; enunciative analysis; management mentality; managerial discourse, labor history.

INTRODUÇÃO

A Fronteira da Paz é uma região localizada na metade sul do estado do Rio Grande do Sul (RS) que abrange duas cidades: Rivera (Uruguai) e Sant'Ana do Livramento (Brasil) – espelhadas por uma linha imaginária que integra ambos os povos a partir de uma convivência internacional pacífica devido à fronteira seca que permite livre trânsito entre cidadãos de ambas nacionalidades. Atualmente, Rivera é o principal atrativo de pessoas para região com os seus *freeshops*. Todavia, com frequência quem vem morar no lado brasileiro se pergunta: por que Sant'Ana do Livramento é apresentada pelos santanenses como um lugar que já foi bom para se viver e se desenvolver? Não somos conterrâneos da cidade, mas esse imaginário que paira sobre ela nos despertou curiosidade. Para entendê-lo, resolvemos buscar na história da cidade fatos que ocorreram que possam ajudar a compreender como esse discurso que está intrínseco às pessoas se formou.

Esse entendimento se torna relevante porque, segundo os autores Silva e Mélo (2011), somos sujeitos resultantes de relações de poder que são articulados ao decorrer da história, que estão nas práticas contemporâneas, fator que deve ser o ponto alto da nossa atenção, para compreender o que séculos de subjetivação nos fez ser o que somos e que podemos deixar de ser. Essa subjetividade pode ser entendida como efeito contínuo, incessante de modos de existência, acontecimentos no plano histórico-político, que se servem de ferramentas de regulação de conduta, que nos leva a pensar que vivemos como acreditamos “ser” (SILVA; MÉLLO, 2011). Além disso, segundo Foucault (2001), o governo exerce um tipo de poder constituído por instituições, processos, análises, reflexões, que utiliza de ferramentas técnicas para implicar saberes que conduzem seu alvo específico: a população. Este poder é a governamentalidade, também entendida como mentalidade de governo, ou quando dentro de uma esfera privada e de escopo econômico, como mentalidade de gestão.

Para Souza (2019), é imprescindível que coloquemos em pauta a governamentalidade, ou seja, os modos como somos governados nos dias de hoje, como é construída nossa mentalidade, como somos impostos a nos encaixar em um molde de vida pré-determinado, despreocupados conosco e com o mundo em que vivemos. Os temas atuais são efeitos da globalização como: lutas sociais, políticas, econômicas, culturais, tecnológicas entre outras, sendo fatores que quando convergem são ferramentas estratégicas de disciplina e controle, utilizadas pelas autoridades que obtêm o poder para manusear a população como massa de manobra, gerando um afastamento entre ideais pré-estabelecidos e a realidade (CHACON, MAGÁN, 2007).

No momento em que a gestão obtém o conhecimento dos processos de trabalho, se tem o poder sobre quem realiza a atividade, podendo determinar o quê e quando se deve executar, categorizar, nivelar e hierarquizar as competências, chegando a ser uma técnica de ensino voltada para objetificação e validação da singularidade (BRITO et al., 2001). Os sujeitos são conduzidos a se constituir pela própria vigilância; efeito da associação de um conjunto de componentes que são fundamentais para o governo das condutas, as políticas organizacionais, normas e padrões que são cruciais para atingir os objetivos (AQUINO, 2019). Para tanto, os ditos são impostos e estereotipados pela sociedade como verdade universal, sem que haja

hesitação ou alteração, ou seja, para compreender a criação de saberes associados, que constituem discursos de poder articulados para o sujeito, é preciso estudar o *locus* de entendimento específico de onde provêm, as organizações (BERNARDINO; NUNES, 2013; AQUINO, 2019).

Nessa linha de pensamento, o que buscamos problematizar, considerando a localidade da Fronteira da Paz, é como um discurso gerencial disseminado há décadas por grandes empresas que nem existem mais é absorvido e sustentado até a atualidade. Uma primeira pista é fornecida por Bandeira (1994) ao mencionar que a falta de diversificação produtiva na metade sul do RS ocorreu porque a produção ficou limitada a atividades afins da pecuária bovina, sendo característica da mentalidade conservadora dos estancieiros, os investimentos menos volumosos. Hoje em dia, Santana do Livramento passa por uma interminável crise econômica, que permanece desde o declínio das indústrias que aqueciam a economia local até os anos 1990.

Com a queda da pecuária e o declínio das indústrias nos anos 1990, o empresariado local que se voltou para a atividade de comércio parece não ter se preocupado com a crise dos demais setores econômicos. No início da década de 2010, o valor agregado bruto da agropecuária chegou a apenas 9,62% do Produto Interno Bruto do município, e a indústria 4,26%. Todavia, a partir de 2015 a indústria passou a ter um novo aquecimento, passando de 16,2% para 28,22% do PIB Municipal em 2019 (DEE, 2022). Além disso, a crise da atividade pecuária e a desindustrialização não impediu o crescimento dos indicadores sociais do município, mesmo fazendo parte da região do RS que possui os menores índices de desenvolvimento humano (IDH). O IDH foi de 0,557 em 1991 para 0,727 em 2010. Com esse crescimento, Sant'Ana do Livramento subiu 118 posições, ocupando a 207ª posição entre os 496 municípios do estado (PNUD, 2022). Em pesquisa recente do Índice de Desenvolvimento Socioeconômico dos municípios do RS, o IDH chegou a 0,74 (DEE, 2022).

Mesmo com essa recente melhora no desempenho socioeconômico, a crise da pecuária e da atividade industrial acabou por desestruturar toda a economia do município que atualmente busca alternativas para recuperar sua dinâmica. O cenário de desindustrialização

do fim do século XX teve grande impacto na organização produtiva da cidade, trazendo descrédito dos trabalhadores quanto à capacidade de se manterem empregados. O Município foi o que mais perdeu habitantes no estado gaúcho, diminuindo cerca de 10% da população em 10 anos (HEYDT; HOFF; TROIAN, 2018). Agora não é mais a saída dos santanenses da área rural para a urbana quando as primeiras indústrias chegaram há quase um século, mas sim a saída do município para outras localidades (CLICK RBS, 2021; JORNAL A PLATÉIA, 2021). Por isso, este estudo procura investigar historicamente como se deu a formação dessa mentalidade de gestão que tem afastado trabalhadores da fronteira a partir da constituição do discurso gerencial emanado das principais organizações locais. Para Carrieri, Pimentel e Cabral (2005), empregar a análise do discurso, mesmo que difícil e múltipla nos estudos organizacionais, traz a oportunidade de pesquisar não só os acontecimentos, como a multiplicidade de práticas vivenciadas em uma determinada localidade, constituindo modos de viver e de trabalhar singulares. Neste sentido, esta pesquisa pretende responder a seguinte questão: *Como ocorreu a formação discursiva da mentalidade de gestão oriunda da época das grandes empresas santanenses na Fronteira da Paz?*

Dessa forma, esse estudo tem como objetivo geral: analisar como se forma historicamente o discurso da mentalidade de gestão oriundo da época das grandes empresas de Sant'Ana do Livramento/RS. Para tanto, busca-se especificamente: a) compreender a atuação das grandes empresas santanenses na história local; b) identificar os enunciados que sustentam a formação discursiva da mentalidade de gestão propagada pelas grandes empresas santanenses; c) investigar como os trabalhadores santanenses envolvidos com esse discurso gerencial se constituem a partir dele.

Analisar a história se torna indispensável quando se busca compreender o porquê das coisas e os pré-determinismos em relação às instituições e práticas organizacionais (AQUINO, 2019). Segundo Silva, Enoque e Borges (2019) a governamentalidade neoliberal está relacionada ao meio organizacional, e apresenta um direcionamento das condutas dos sujeitos, que eles chamam de “arte de se governar”, é um mecanismo mercadológico focado para a noção de sujeito como capital humano, em busca dos objetivos das organizações. Para fazer uma crítica a esse processo, na área da Administração, torna-se importante dialogar e transitar em

outros campos, interdisciplinares e analíticos, podendo despertar para perspectivas problematizadoras e complexas que são os problemas e desafios no meio organizacional e social (MOSTAGI; MANSANO, 2019). O estudo de Piga e Mansano (2016) mostra que a governamentalidade atua entre as práticas cotidianas dos cidadãos e as políticas públicas relacionadas à degradação ambiental, conduzindo as pessoas a agregarem em suas vidas práticas variáveis que seriam de responsabilidade do Estado.

Este estudo se torna relevante pois busca ampliar o conhecimento sobre temas cotidianos, atuais no campo da Administração, mas por uma ótica diferente. Para os autores Medeiros e Teixeira (2018) é primordial realizar pesquisas dentro de organizações para poder observar as divergências que são ocasionadas pelas relações humanas e práticas de gestão guiadas por modelos predominantes, para abordar esse campo é imprescindível que inclua novos teóricos nas temáticas dos estudos organizacionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir será apresentado o embasamento teórico em que se respalda o estudo. Inicialmente, abordamos sobre a noção relacional entre poder e resistência para Foucault, autor basilar e teórico-metodológico desta pesquisa. Em seguida, discorreremos sobre as noções de poder em Foucault e, por fim, sobre governamentalidade: o governo de si e dos outros.

Noção relacional entre poder e resistência para Foucault

O foco das pesquisas foucaultianas é compreender como o ser humano tem-se reconhecido como sujeito ao longo da história; objetificando os seres humanos sob três óticas diferentes. Foucault (2014, p. 119) aponta o sujeito falante da linguística, o sujeito produtivo que trabalha e contribui economicamente e o sujeito biológico só pelo fato de estar vivo. É nesta busca que o poder se destaca como fator principal, pois os sujeitos estão envolvidos nessas relações de poder, relações de produção e de sentidos (FOUCAULT, 2014). Segundo Ferreirinha e Raitz (2010), o poder pode ser assimilado como um emaranhado de relações pairadas, inexistente nos sujeitos ou organizações, entretanto o saber está presente na associação de moldes e temáticas.

Para Foucault (2001), o poder não é repressivo no sentido de que atua tão-somente sobre alguém, é necessário que haja uma atuação reversa para que ele permaneça e seja aceito; ele produz coisas, discursos, induz sensações, ele é um entrelaçado de produções que transpassam o corpo social muito além do que imaginamos. Para tentar visualizar essas relações de poder é necessário focar nas formas de resistência, onde elas se inserem, como são praticadas, quais métodos utilizam, é desprender-se de sua racionalidade e ver através dos conflitos e de suas estratégias em jogo (FOUCAULT, 2014).

Faz muitos anos que passamos por lutas na tentativa de resistir às autoridades, independentemente do tipo de superioridade imposta, seja familiar, organizacional, estatal, o que nos interessa é buscar as semelhanças que estas oposições têm, algumas delas: a) são transversais, podem acontecer em qualquer lugar simultaneamente; b) têm como intuito o poder, veem a disciplina como estratégia de controle sobre a vida, saúde e até a morte; c) seu foco principal não é um órgão governamental que obtém amplo poder, mas o indivíduo que está mais próximo exercendo ações sobre ele; d) são lutas que fazem o próprio indivíduo se questionar sobre seus desejos individuais perante os coletivos; e) opõem-se ao favorecimento do saber como resultado do poder; f) todas estas lutas englobam um questionamento, quem somos nós? Essas formas de resistência se opõem não às instituições de controle, ou grupos sociais, mas critica a atuação do poder sobre nossas vidas, hierarquizando e categorizando o tipo de indivíduo que você é, onde você é forçado a se conhecer e fazer com que os outros te reconheçam (FOUCAULT, 2014).

Dessa maneira, o poder converte o indivíduo em sujeito; aqui o “sujeito” tem dois significados, o sujeito subjugado sob o controle e domínio de outro, e o sujeito unido a sua própria identidade pela autocompreensão ou pelo autoconhecimento (FOUCAULT, 2014, p. 124). O poder está em tudo, não está somente nas mãos de autoridades, está na causa e no efeito dos acontecimentos, gera ações que estão presentes tanto no campo da verdade quanto no campo do direto (FERREIRINHA; RAITZ, 2010).

Essas lutas têm mudado o foco ao passar dos anos, dentre elas a oposição pelas formas de dominação (religiosa, étnica e social) e a exploração econômica do indivíduo, tiveram

grande impacto em um período da história. Porém, nos tempos atuais, a subjugação da subjetividade do indivíduo se destaca. Isso não quer dizer que outras lutas não ocorram simultaneamente, mas esta tem prevalecido (FOUCAULT, 2014).

Essas ferramentas de exploração e dominação que subjagam os sujeitos foi uma modernização que se desenvolveu em nossa sociedade decorrente da estrutura política, que podemos chamar de Estado, que coloca acima dos cidadãos supostos interesses coletivos, ou melhor dizendo, interesses do alto escalão (FOUCAULT, 2014). O estado mascarou suas novas técnicas e procedimentos de controle globalizante, em uma velha técnica de poder criada nas instituições religiosas: o poder pastoral.

As noções de poder em Foucault

Dentre as noções de poder baseadas em Foucault, temos o poder pastoral, recém apresentado. O poder pastoral originou-se nas instituições eclesiásticas, quando o cristianismo se organizou na Igreja a fim de propor e instaurar ao novo mundo relações de poder (FOUCAULT, 2014). No cristianismo, acredita-se que alguns indivíduos são aptos a servir outros, como pastores, de acordo com suas competências religiosas. Sendo assim, seguem algumas designações: a) é um tipo de poder que objetiva a salvação eterna; b) deve-se estar pronto para se sacrificar pelo seu rebanho, fator contrário ao poder soberano, no qual os servos tem que se sacrificar pelo trono; c) se interessa tanto com a comunidade, quanto com o indivíduo em si, por toda sua vida; d) não se pode exercer esse poder sem conhecer a interioridade de cada um, deve-se conduzir as pessoas a exporem seus sentimentos mais ocultos (FOUCAULT, 2014, p. 126).

Este poder foi institucionalizado no século XVIII, quem exerce esse poder agora é o Estado, que foi esculpido aos moldes do desprezo pelas minorias; uma estrutura bem articulada, em que interesses individuais só serão aceitos, desde que se submetam a ferramentas específicas (FOUCAULT, 2014, p. 127). Com essa reutilização do poder pastoral, Foucault (2014) tem alguns acréscimos a fazer: a) o objetivo não é mais a busca incessante pela salvação celestial, mas assegurá-la nesta realidade, pelos desejos terrestres; b) houve uma

reconfiguração de quem exerce o poder, ele não está mais nas mãos do pastor e da Igreja, temos instituições públicas e privadas para o instaurar; c) com essa multiplicação de metas e de detentores do poder pastoral, foi possível desdobrar o conhecimento no “ser humano” em dois pontos: universal, que diz respeito ao contexto populacional; e analítico, que foca na interioridade do sujeito.

Segundo Foucault (2014, p. 128), há manifestação de múltiplos poderes em vigência, exemplo disso é o fato de não desassociarem o poder pastoral do poder político na época que as entidades religiosas se integraram ao contexto social, sendo respaldadas pela sociedade em geral. No mesmo período, ao contrário do poder pastoral, com o poder soberano os servos renunciavam sua vida pelo trono. Ele transmite e reproduz efeitos de poder, no qual somos julgados, condenados, obrigados a executar tarefas e destinados a viver ou morrer em função dos discursos ditos verdadeiros (FOUCAULT, 2001, p. 101). É em função dos desejos monárquicos e absolutistas que o judiciário da época pré-industrial justifica sua atuação; mas dentre acontecimentos e reconfigurações históricas com a emergência da sociedade industrial, o edifício jurídico desprende-se dos limites soberanos e começa a questionar os seus privilégios e poderes reais (FOUCAULT, 2001, p. 101); como os juristas eram servos do rei, é deste poder que se fala nas reflexões do saber jurídico.

Dois pontos são abordados ao falar do poder soberano: a) que debaixo da atuação jurídica, estava o rei com todo seu poder desvalorizando o corpo vivo, mas era conveniente aos direitos básicos, b) e para demonstrar que era necessário limitar esse poder e que dentro das regras de direito ele deveria exercer seu poder para permanecer em sua legitimidade (FOUCAULT, 2001). Foucault (2001, p. 102) viu na análise deste poder a materialização da autoridade de punir e a punição, entre entidades locais e regionais tentou ver por trás da atuação jurídica em suas especificidades. Foi uma estratégia que se apoiou nos corpos e em suas ações, extraiu todos os recursos que os indivíduos tinham para oferecer, monitorando continuamente e, ocasionalmente, cobrando taxas e deveres impostos. Foi um instrumento fundamental, criado na sociedade burguesa, que possibilitou a instalação do sistema capitalista industrial e a sociedade que coincidia naquela época (FOUCAULT, 2001, p. 105). O poder

soberano se ocultou dentro de mecanismos de coerção disciplinar, porém com o mesmo objetivo, a dominação e o controle (FOUCAULT, 2001, p. 106).

Intrinsecamente, então, surge o poder disciplinar, que foi uma técnica aprimorada para gerir o “ser humano” e controlar suas pluralidades, com a finalidade de explorar ao máximo a capacidade de trabalho e suas habilidades, possibilitadas por esse sistema de poder instaurado. Foi em instituições como escolas, exército, hospitais que a disciplina se tornou relevante para o andamento das atividades, já que é uma forma de alocação dos indivíduos em delimitado espaço, buscando organizá-los de acordo com suas competências e necessidades, a fim de maximizar a eficiência no processo e não necessariamente no resultado (FOUCAULT, 2001, p. 61).

A atuação deste poder requer uma vigilância contínua e consecutiva dos indivíduos; não basta observá-los às vezes, mas sim inspecionar passo a passo das obrigações para poder registrá-las sem interrupções; essas observações são feitas de baixo para cima, como uma pirâmide, onde o topo da pirâmide não pode deixar escapar nenhum acontecimento por mínimo que seja (FOUCAULT, 2001, p. 62).

Foucault (2001) diz que, em decorrência dessas técnicas de controle, pode-se encontrar a particularidade de cada um com o exame – ele é uma ferramenta importante para expor essas características, é a observação perpétua, que classifica e designa cada pessoa onde melhor for empregada. O poder disciplinar pode ser demonstrado onde o controle está presente, seja ele sutil, oculto, disfarçado, descentralizado, mas que seja o bastante para estimular o comportamento moldado, garantindo a harmonia organizacional (GONSALVES; SANTOS; CAPELARI, 2012).

Conforme Alcadipani e Almeida (2002), para que aconteça o poder disciplinar, é necessário a normatização dos procedimentos, os sujeitos implicados na situação devem estar conscientes de que se não atingirem as metas, podem receber punições, penalidade essa que é característica indispensável deste dispositivo de poder.

Foucault (2001) diz que o poder se ampara em feixes de processos e o panóptico foi uma invenção tecnológica nesta ordem, que arquiteta a vigilância integral, ou acredita-se que está sendo monitorado integralmente. Esta técnica já foi empregada em escolas, hospitais, penitenciárias, entre outros. Tem o objetivo de conhecer os mecanismos de poder em suas complexidades e particularidades. Nesta expectativa é que o Estado se apropriou de panópticos reduzidos, regionais e disseminados (FOUCAULT, 2001, p. 91). De acordo com Alcadipani e Almeida (2002), o panóptico é um mecanismo que sustenta e constrói relações de poder, independente de quem exerça o poder, não há obrigação de supervisão, o importante é a sensação de vigilância.

Para Foucault (1999, p. 131), desenvolveu-se um poder interligando dois polos em meio a feixes de relações: o primeiro focou no indivíduo como uma máquina produtora de mão de obra, aperfeiçoando suas habilidades para aumentar sua utilidade, docilizando os corpos para a absorção de suas capacidades, já que essa absorção se encontra integrada aos sistemas de controle, baseados nos procedimentos de poder disciplinador: anátomo-político do corpo humano; o segundo foco veio mais tarde, quando se visualizou o corpo como máquina reprodutora, para a multiplicação de nascimentos, interessou-se nas taxas de mortalidade, no bem estar da saúde populacional a fim de prolongar a vida e tentar controlar variáveis eventuais, por intermédio de uma biopolítica de toda sociedade.

Assim, o biopoder veio em contrapartida ao poder soberano; neste se justificava a morte, agora o importante é investir na vida das pessoas, é uma importância com o indivíduo, com sua saúde, com sua economia, com sua moradia; assuntos estes relevantes para o desenvolvimento do capitalismo, que depende da organização e controle dos corpos nos meios de produção (FOUCAULT, 1999). Este poder tem um aumento de interesse mediante a atuação de regras jurídicas, que se munem contra os conflitos, é um poder que categoriza, hierarquiza, mede, avalia e organiza de acordo com os aparelhos de poder em que as instituições jurídicas estão cada vez mais presentes (FOUCAULT, 1999, p. 135).

De acordo com Foucault (1999, p. 136), foram abordados dois eixos: um, o adestramento do corpo com intensificação das habilidades; outro eixo é o sexo, que é fator importante na

regulação das populações, causando efeitos globais. O corpo é a ferramenta de conhecimento, é a origem da disciplina médica; nas quatro temáticas: a) políticas e intervenções econômicas; b) movimentos ideológicos e moralizantes; c) pensamentos íntimos, desde a infância, c) o conhecimento das individualidades, possibilitando constituí-las (FOUCAULT, 1999, p. 137). Para o mesmo autor, cada uma dessas questões foi importante para criar as técnicas disciplinares com processos normatizadores.

Governamentalidade: o governo de si e dos outros

Com última etapa de seus estudos sobre poder, Foucault (2001, p. 171) destaca a sociedade de governo como efeito de um triângulo: soberania/disciplina/gestão governamental, que são mecanismos que constituem o “ser” individual e coletivo. Para tanto, em seus estudos Foucault traz alguns levantamentos históricos, realidades e acontecimentos sociais, políticos e econômicos. Na busca por tentar entender como o poder se exerce nesse contexto é possível compreender novas formas de governo, com novas estratégias políticas, econômicas, sociais e subjetivas. Segundo o autor, as formas de governo se constituem, se confrontam e se introduzem no interior da sociedade e do Estado, havendo fundamentalmente, três modos de governo: “O governo de si mesmo, que diz respeito à moral; a arte de governar adequadamente a família, que diz respeito à economia; a ciência de bem governar o Estado, que diz respeito à política” (FOUCAULT, 2001, p. 165). Assim, a arte de governar se refere a maneira de conduzir os indivíduos, os bens, as riquezas no interior da família, ao nível de gestão de uma organização ou um Estado. De acordo com Foucault (2001, p. 166), o governo deve-se incumbir de todas as relações do homem:

[...] Suas relações com coisas que são as riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima seca, fertilidade, etc.; os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar, etc.; finalmente, os homens em suas relações com outras coisas ainda que podem ser o acidentes ou as desgraças como a fome, a epidemia, a morte, etc.

De acordo com esta nova razão de Estado, torna-se necessário uma nova maneira de governar, a governamentalidade, que podemos interpretar por mentalidade de governo. Isto é,

como o governo atua e como faz atuar. Ou seja, é um agrupamento criado por instituições, estratégias, análises e reflexões peculiares, que possibilitam o exercício do poder que permite guiar a conduta dos indivíduos (FOUCAULT, 2001, p. 171).

Assim, para Costa, Guerra e Leão (2013), a governamentalidade traz a reflexão sobre o poder relacionando tecnologias de si e dominação, a constituição do indivíduo em sujeito e a criação do Estado, salientando visivelmente as diferenças entre poder e dominação. Esse planejamento em que o sujeito sozinho ou com ajuda, medita, reflete sobre si, alcançando o conhecimento de si, tem relação direta com o que Foucault define como “tecnologias de si” (FREDDO, 1995). Amparados em Foucault, o termo governo para Costa, Guerra e Leão (2013) diz respeito a dois eixos: governo entre sujeitos e governo de si mesmo; assim, governar é a arte de conduzir as condutas. Na realização das atividades laborais, os sujeitos são direcionados a se constituir pela própria supervisão; resultado da união de um aglomerado de elementos que são necessários para o governo das condutas, as políticas organizacionais, as regras e padrões que são essenciais para atingir os objetivos (AQUINO, 2019). De acordo com Martins e Cherman (2015), a atuação da estrutura organizacional na criação de normas estratégicas em uma integração minuciosa, mostra-nos as atividades discursivas intencionadas a contribuir para a construção identitária dos funcionários.

Dessa forma, os conflitos expostos, transparentes, não seriam capazes de explicar a complexidade de conflitos rejeitados, que nem entram em debate nos grupos que possuem o poder, sem citar os conflitos disfarçados, em que indivíduos são encobertos pela rejeição e manipulação da sua subjetividade, desconhecendo seus reais direitos e dimensões refutados (CECÍLIO; MOREIRA, 2002). Foucault (2001, p. 172) deixa claro que com a análise das mentalidades de governo, pode-se obter conhecimento sobre a grandeza que é a arte de governar, já que o Estado de governo tem como foco a população, e se mune de ferramentas do saber econômico, ou seja, de dispositivos de segurança para controlar a sociedade.

MÉTODO

Esta pesquisa se caracteriza do tipo exploratória, de abordagem qualitativa. Com o intuito de compreender diversas casualidades que ocorrem no cotidiano do ser individual e coletivo, a constituição do sujeito, resultante e/ou produtor desses acontecimentos, independente do meio, seja político, cultural, econômico, o método escolhido foi a arqueologia e a genealogia embasadas em Foucault, alguns autores podem até unir os dois termos e chamá-la de arque- genealogia (MEDEIROS, 2018). Porém, de acordo com Medeiros (2018), Foucault nunca se referiu a essa terminologia, então abordaremos de forma dissociada.

A arqueologia é uma modalidade de análise do discurso dos saberes ligada às formações discursivas e às modalidades enunciativas, definidas por Foucault como um domínio (FOUCAULT, 2020, p. 165); busca definir o discurso em suas particularidades, se apoiando nas práticas que seguem jogos de regras, desse discurso e não de outro, não busca algo que esteja oculto, mas o que está visível (FOUCAULT, 2020, p. 169-170).

Estipula tipos e regras de práticas discursivas que transpassam e que podem até dominar sem escapatória as obras individuais, reescreve o que já foi escrito, mas de acordo com a época de análise, mantém a exterioridade, descreve o discurso não originário, mas de uma maneira sistemática (FOUCAULT, 2020, p. 170-171).

Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes da sujeição que emergem desta discursividade. Isto para situar o projeto geral. (FOUCAULT, 2001, p. 98).

A abordagem genealógica busca ver como problemas de constituição podem ser resolvidos dentro de uma temática histórica, uma maneira que consiga englobar a constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios e dos sujeitos, esses desprendidos do sujeito construído pela história (FOUCAULT, 2001, p. 7). É um esforço em busca de libertação da sujeição dos saberes históricos, é a resistência contra um discurso totalizante, universal, estruturado e científico (FOUCAULT, 2001, p. 97).

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns (FOUCAULT, 2001, p. 97).

A genealogia parte da busca do reconhecimento de acontecimentos históricos, abalos, surpresas, derrotas, vitórias, que o atribuam ao que hoje é herdado. Tem o objetivo de conhecer inúmeros começos e para isso se dedica a duas apurações: a proveniência e a emergência (FOUCAULT, 2001, p. 14-15). Para Foucault (2001, p. 15), a proveniência possibilita reencontrar sob a perspectiva singular de um caráter ou de um conceito a multiplicação de acontecimentos no decorrer de suas formações, é manter o que já passou na dispersão, mas também é destacar os imprevistos, os desvios, os erros; é elucidar que a realidade que conhecemos não passa de reflexos de acidentes na história. A emergência se produz quando se estabelece entre um estado de forças, é demarcada entre lutas, é a interrupção, é o espaço entre as intimidações (FOUCAULT, 2001, p.16), “colocar em questão o dizível, o pensável, e o visível de um tempo é a missão de qualquer análise que se denomine genealógica” (MEDEIROS, 2018, p. 129).

Em busca de compreender como se dá a formação discursiva da mentalidade de gestão em torno do meio empresarial de Santana do Livramento/RS, quais enunciados sustentam esse discurso e não outro e como os santanenses se constituem a partir dele, acreditamos que fazer uma genealogia seja o mais adequado, pois permite visualizar o que está exposto, mas liberto das máscaras do tempo, encobertos pela sujeição.

Para coletar dados foi feita pesquisa documental, de registros históricos, leis, notícias impressas e virtuais onde possa ser identificado o discurso empresarial; com o intuito de buscar registros históricos essas pesquisas aconteceram: na biblioteca municipal, nos acervos da cidade, na câmara de vereadores; e para obter as notícias: nos arquivos do jornal local para as notícias impressas, e nas mídias sociais para as notícias virtuais.

Para que fosse possível encontrar uma verdade, em meio a tantas outras, os dados coletados foram relacionados com outros trabalhos acadêmicos que abordaram o tema, direta

ou indiretamente. Além de pesquisas nas plataformas digitais, encontrando manchetes jornalísticas e comentários nas mesmas. E para corroborar ou conflitar com estes dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 14 perguntas abertas visando identificar os enunciados que sustentam o discurso empresarial. Elas foram ora presenciais ora não presenciais (via WhatsApp), com pessoas que trabalharam e conheceram pessoas que atuaram em algumas das indústrias ou empresas da época, que fez parte do apogeu econômico da região pampeana. No quadro 1 abaixo, segue a caracterização dos entrevistados:

Quadro 1 – Caracterização dos entrevistados participantes da pesquisa

Nome	Idade	Empresa	Cidade natal	Cidade atual	Ano de Entrada e Saída na Empresa	Área de Atuação
Entrevistado 1	70 anos	Swift Armour	Rivera-UY	Santana do Livramento	1977/1987	Atuou na parte operacional e chegou a ser supervisor
Entrevistada 2	61 anos	Lanificio	Santana do Livramento	Santana do Livramento	nada consta	Atuou na parte operacional
Entrevistada 3	58 anos	PegPag	Erechim	Santana do Livramento	1977/1997	Atuou na parte operacional
Entrevistado 4	50 anos	Lanificio/COOFITEC	Santana do Livramento	Passo Fundo	1993/1995 1995/2007	Atuou na parte operacional
Entrevistada 5	63 anos	PegPag	Santana do Livramento-RS	Santana do Livramento-RS	1986 / nada consta	Atuou na parte operacional
Entrevistado 6	60 anos	Swift Armour	Santana do Livramento	Santana do Livramento	nada consta	Filha de um antigo funcionário

Entrevistado 7	64 anos	Swift Armour	Santana do Livramento-RS	Santana do Livramento-RS	1980/1995	Atuou na parte operacional
Entrevistado 8	nada consta	Swift Armour	Rio Grande-RS	Santana do Livramento-RS	1973/1996	Atuou na parte operacional
Entrevistado 9	59 anos	Swift Armour	Santana do Livramento	Santana do Livramento	1983/ nada consta	Atuou na parte operacional e chegou a ser supervisor.
Entrevistado 10	58 anos	Professor	Santana do Livramento	Santana do Livramento	nada consta	Professor de História, com sua linha de pesquisa de mestrado direcionado aos acontecimentos econômicos e políticos em Santana do Livramento.
Entrevistado 11	nada consta	Swift Armour	Santana do Livramento-RS	Santana do Livramento-RS	nada consta	Atuou na parte operacional e chegou a ser supervisor.
Entrevistado 12	75 anos	Swift Armour	Santana do Livramento	Santana do Livramento	1960/1993	Atuou na parte operacional
Entrevistado 13	69 anos	Swift Armour	Rivera- UY	Santana do Livramento-RS	nada consta/1992	Atuou na parte operacional
Entrevistado 14	67 anos	Lanificio Albornoz	Santana do Livramento-RS	Santana do Livramento-RS	nada consta	Atuou na parte operacional
Entrevistado 15	66 anos	Swift Armour	Santana do Livramento	Santana do Livramento	nada consta	Atuou na parte operacional
Entrevistado 16	58 anos	PegPag	Santana do Livramento	Santana do Livramento	1988/ 1994	Atuou na parte operacional

					Aproximada mente	
Entrevistado 17	68 anos	Swift Armour	Santana do Livramento	Santana do Livramento	1972/ nada consta	Atuou na parte operacional
Entrevistado 18	91 anos	Swift Armour	Rio Grande	Santana do Livramento	1947/ nada consta	Atuou na Administração do Frigorífico Armour

Fonte: elaborado pelos autores.

Pela ótica foucaultiana, os dados adquiridos foram analisados mediante uma análise enunciativa. De acordo com Foucault (2020, p. 97) o enunciado é a unidade essencial do discurso, e o “discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência” (FOUCAULT, 2020, p. 131), em busca do discurso é indispensável que nos questionemos sobre as regras de sua formação; para o autor é indispensável compreender se é do enunciado que se trata na análise das formações discursivas.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2020, p. 47).

O enunciado parte da ideia de ser o último elemento a aparecer, incapaz de ser solitário em si mesmo e apto para se inserir em jogos de relações com elementos parecidos a ele, como um átomo do discurso (FOUCAULT, 2020, p. 96). Se não existisse enunciado, não existiria a língua. O enunciado é a energia que paira no ar, a força influente que faz as pessoas agirem como agem. O enunciado tem uma funcionalidade de existência vertical que está inteiramente ligado aos signos, ao qual se direciona a fazer uma análise ou usar a intuição, se é coerente ou não, se faz jus às regras pré ou pós fixados, de que são signos e de que espécie (dita ou escrita), o enunciado é uma função que transpassa o domínio das estruturas e de unidades possíveis, que possibilita que apareçam temáticas no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2020, p. 105).

Chamaremos enunciado a modalidade de existência própria desse conjunto de signos: modalidade que lhes permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objetivo qualquer fabricado por um ser humano: modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2020, p. 130-131).

Fazer análise enunciativa, só é possível, sobre as coisas que realmente aconteceram, que foram ditas, escritas, pois é sobre essa singularidade que foram criadas, se manifestaram, deixaram rastros, e estão em algum lugar capaz de ser reutilizada oportunamente (FOUCAULT, 2020, p. 133). Segundo Foucault (2020, p. 140-141) o enunciado para acontecer precisa de um referencial (um princípio de diferenciação), um sujeito (modalidades enunciativas, quem fala? de onde? qual instituição?) um campo associado (a situação com qual está articulada) e uma materialidade (um status, regras de transcrição, e a capacidade de uso ou reutilização).

A função enunciativa corresponde aos quatro domínios que descrevem a formação discursiva (formação dos objetos, formações das posições subjetivas, formação dos conceitos e a formação das estratégias); o enunciado faz parte da formação discursiva como uma frase faz parte de um texto; relativamente são determinadas as análises do enunciado e da formação discursiva; um aglomerado de enunciados e suas condições de existência, desde que se apoiem na mesma formação discursiva constituem um discurso, e as práticas discursivas são um conglomerado de regras ocultas históricas, que tornam possível o desempenho da função enunciativa trazendo materialidade as formações discursivas (FOUCAULT, 2020, p. 141-143).

Está análise possibilitou identificar alguns enunciados, e não todos, que nos ajudam a entender o discurso empresarial que está posto como verdadeiro, e não outro; o que faz com que os sujeitos (santanenses) aceitem esse discurso, se há relações de poder e resistência imbricados nessa temática.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Histórico da época das grandes empresas na Fronteira da Paz

Santana do Livramento foi constituída por diversas origens, índios, Pampianos, Guaranis, Portugueses, Espanhóis, entre outras. Faz fronteira com Rivera (Uruguai) tornando a região conhecida por ser a mais irmã do mundo, denominada Fronteira da Paz, que é fortalecida ainda mais por não haver fronteiras concretas (ALBORNOZ, 2019, p. 5).

No início da cidade, a grande maioria dos habitantes residia na área rural, empenhavam-se as atividades sazonais, e por não haver cercamentos no período possibilitava o subemprego dos mesmos (ALBORNOZ, 2019, p. 16). Corroborando com Heydt (2016), que afirma, que antes mesmo de ocorrer a colonização da região por Portugal, já havia atividade pecuária, pois os Jesuítas que migraram para a região, dominavam essas técnicas de manuseio com o gado. Foi através dessa população Jesuíta, que iniciaram as primeiras estâncias de criação e retenção de gado.

Nesse sentido, imagine-se em uma cidade onde a economia era predominantemente direcionada para a pecuária, tão somente para criação e engorda de animais, destinados ao mercado externo, abastecendo as charqueadas de outros municípios: esta cidade é Santana do Livramento, onde o início das charqueadas foi tardio.

Em 1911, a cidade foi o segundo maior centro de abate do estado, atraindo assim olhares de investidores estrangeiros, pois a região contava com grandes estâncias produtoras de matéria-prima própria. Assim, iniciou-se o estabelecimento da indústria da carne e seus derivados na região. A cidade contava agora com um complexo industrial frigorífico: a companhia Armour. Ela também representava o complexo social, já que incluía clube, campo de golfe, quadras esportivas, e habitações para cerca de duzentos funcionários. A população vivia e progredia em torno dessa temática, ampliando o cenário econômico e social de Santana do Livramento (RAMOS, 2021). Nesse momento, a carne está supervalorizada, implicando maior investimento em controle de qualidade e cuidados. Assim, os cercamentos de campo iniciaram, resultando na dispensa de peões, pois não era mais necessária sua mão de obra, o transporte dos animais a pé vai desaparecendo, os tropeiros também são dispensados, o êxodo rural teve início (RAMOS, 2021).

Paralelamente com a pecuária, a valorização da lã estava em alta, e o município contava com o Lanifício Albornoz que iniciou os trabalhos em 1908 trabalhando com a lã dos produtores locais (HEYDT, 2016), salientando ainda mais a importância da indústria laneira. O Lanifício Albornoz adquiriu a Laneira Brasileira Sociedade Anônima que passou por crises até ficar sobre a nova administração, ainda mais por trabalhar com recursos próprios na fabricação de tops de lã, contando com compradores estrangeiros da China, de Hong Kong e de vários outros países (MELO, 2012).

Direta ou indiretamente, as indústrias frigoríficas e laneiras impulsionaram a economia de Santana do Livramento. Elas movimentaram todo comércio regional, empregaram muitos funcionários, que utilizavam da renda para consumir cada vez mais, aquecendo assim a economia, além de corresponder com grande parte da arrecadação dos cofres públicos da cidade, com o pagamento dos impostos (HEYDT; HOFF; TROIAN, 2018; RAMOS, 2021). Como relata o entrevistado 1:

Tu vê que o frigorífico Armour na década de 80, empregava 4.000 pessoas, tinha turno, dois turnos, trabalhava 24 horas, durante o período trabalhava 24 horas. Pra tu ter uma ideia, uma empresa que empregava 4.000 funcionários era pra economia do município devia ser muito bom, eu não entendo muito [...] Livramento cresceu, o Bairro Armour cresceu muito através do frigorífico. Quando eu vim trabalhar em Livramento não existia Morada da Colina, não existia Parque do Sol, isso tudo era campo (ENTREVISTADO 1).

O desenvolvimento da cidade prosperou durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, pois a Companhia Armour exportava em enorme escala para o mundo todo, inclusive para os locais de guerra. Em 1932, Sant'Ana do Livramento era o terceiro parque industrial rio-grandense, atrás apenas da capital Porto Alegre e a cidade de Rio Grande. Cinco anos depois, em 1937, contava com 50 indústrias e 2.757 operários. A maior expressão industrial do município era o frigorífico Armour, responsável por 83% da produção industrial e de 85% dos industriários do município: 2.360 operários (HEYDT, 2016).

Com a crescente industrialização, na década de 1940, Santana era a sexta maior cidade do Rio Grande do Sul, em tamanho de população (SHÄFFER, 1993). A população urbana que residia na sede do município, já era de 56,2%. Na década de 1970, chegou a 76%, e em 1991 a 91%. Conforme Schäffer (1993, p. 49), em 1940, a cidade “contava com quatro frigoríficos, três torrefações de café, 11 charqueadas e uma cervejaria de expressão regional (Gazapina), de um conjunto de aproximadamente 50 estabelecimentos industriais, que empregavam cerca de 3 mil operários”. Todavia, Bandeira (1994) alerta para o fato que esse número significativo de empregos na indústria se dava principalmente devido a atividades vinculadas à pecuária, que ocupavam grande parte da mão de obra, evidenciando o elevado grau de especialização da economia local. Fora que 2.360 dos 2.757 operários trabalhavam em um único frigorífico, o Armour.

Ao final desses conflitos mundiais, os negócios entram em declínio gradativo até o encerramento das atividades. Isso se vê acompanhado com os níveis econômicos da metade sul na formação total do PIB do RS: até a década de 1940, ela era responsável pela maior parcela – cerca de 38% – percentual que foi reduzindo, chegando a aproximadamente 23% em 1980 (BANDEIRA, 1994) e apenas 18% em 2002 (BATISTA; SILVEIRA; ALVES, 2005). Em relação à falta de diversificação das atividades econômicas da metade sul do RS, Heydt (2016) e Bandeira (1994) afirmam que a cultura pautada em atitudes atrasadas e pouco propensas à inovação dos estancieiros foram determinantes. A predominância do latifúndio pode ter contribuído para essa mentalidade conservadora, pois “a extensão das estâncias permitia que seus proprietários desfrutassem, mesmo nos momentos de crise, de rendimentos suficientes para assegurar a manutenção de um padrão de vida relativamente elevado” (BANDEIRA, 1994, p. 20).

O caso do Armour é crucial para entender essa mentalidade local. Antes do encerramento definitivo, ocorreram várias mudanças de proprietários, e até mesmo fusões, mesmo que juridicamente independentes. As que formavam o “Truste da carne” eram: Swift, Morris, Wilson e Cudahy, e no ano de 1972 formalizaram esta fusão, criando a firma Swift Armour S. A. Indústria e Comércio (ALBORNOZ, 2018, p. 117).

Aos poucos foi se desmembrando o território da Companhia, o Clube do Armour foi vendido em 1961 pelo frigorífico, e possivelmente a Companhia Armour já não estivesse mais no comando em Livramento, pois como no Uruguai, estavam fechando um atrás do outro (ALBORNOZ, 2018, p. 118). O entrevistado 1 conta um pouco sobre o Clube:

O Clube Campestre foi fundado pelo frigorífico, quando fundou o frigorífico, lá pela década de 17, 18, o Clube foi fundado em 1917, o campo de golfe né. Nessa época era o pessoal do Armour que jogava, até 1958, que aí um grupo de empresários de Livramento, resolveram comprar, aí compraram essa parte que hoje é o Clube, a sede, o campo de golfe, toda essa parte, esse terreno todo aí (ENTREVISTADO 1).

Nestas mudanças de dono, o Armour foi vendido para o Grupo Bordon em 1989, depois entrou em concordata em 1994. Em um plano suspeito, a empresa bageense Cicade apossou-se do Swift Armour, influenciada por linhas de crédito ofertadas pelo Governador do Estado, Alceu Colares. Entretanto, segundo Albornoz (2018, p. 119), o presidente da Cicade afirma nunca ter recebido recursos para tal, motivo que levou ao fechamento da fábrica. Em contrapartida, o entrevistado 1 diz que:

O pouco conhecimento que eu tenho, eu acho que o frigorífico fechou mesmo por falta de matéria-prima, porque cada vez ficava mais longe o transporte de gado. Houve uma época que vinha gado do Mato Grosso, os fretes com valores muito altos, eu acho que isso aí foi uma das coisas que influenciou muito nas desistências né. Agora o que eu tenho pra te dizer, que o momento que deixou de ser frigorífico Armour, que era Swift Armour, que eles venderam já não foi a mesma coisa. Eu não cheguei a trabalhar com esse pessoal, no caso da Bordon e mais outros que vieram. Mas o problema do frigorífico Armour mesmo deve de ter desistido por falta de matéria-prima (ENTREVISTADO 1).

Os investidores buscaram outras formas mais rentáveis que a carne, redirecionando os investimentos para outros lugares. A crise não afetou somente os frigoríficos, os lanifícios também foram impactados. Depois de ocorrer oportunamente, a expansão de exportações brasileiras, cooperando para o desenvolvimento Lanifício, na produção, fiação e tingimento da lã, aconteceram em sua trajetória, fatos que desgastaram a indústria, sendo retirados seus incentivos fiscais, impossibilitando possíveis empréstimos.

O mercado de lã entrou em crise, causando instabilidade no Lanifício Thomaz Albornoz, pela perda de competitividade e troca por fios sintéticos que eram mais acessíveis (HEYDT, 2016). Corroborando com o documentário feito sobre o Lanifício, onde Thomaz Albornoz diz que a fibra sintética se impôs no mundo, foi um fenômeno mundial. Com este acontecimento, houve uma redução substancial no número de unidades Laneiras dos grupos dos anos 1960/1970, no Brasil, Uruguai e Argentina. Afirmando que hoje a produção de lã no mundo, representa menos de 1%, sendo que naquela época a fibra de lã representava entre 12 a 15% do total de fibras consumidas pela população mundial (ALBORNOS, 2018).

Consequentemente, com esses acontecimentos, começaram os problemas com os fornecedores (cooperativas de lã) e com os bancos, que obtinham crédito na indústria (MELO, 2012). Entre os acontecimentos, o Lanifício esteve no comando, depois perdeu para Holding Esquila, que era administrada pelo Banco Auxiliar de São Paulo, contudo por acordos judiciais retomaram o comando e arrendaram para COOFITEC (Cooperativa dos Profissionais da Fiação e Tecelagem de Santana do Livramento) a partir de 1996 e que atuava no mercado até a atualidade, podemos ver um relato sobre o início da COOFITEC:

Quando fechou o Lanifício, aí abriu a COOFITEC, aí tá eles trabalhavam normal assim como qualquer um, e depois a COOFITEC foi a falência, e aí os trabalhadores pra não fecharem tudo, pra não ficarem sem trabalhar, eles se reuniram todos, daí todo mundo se associou, os que quiseram se associaram, daí ficaram tudo sócio eram tudo iguais, mas tinha presidente, tinha os que mandavam lá (ENTREVISTADO 2).

A COOFITEC é muito relevante para economia de Livramento, pois suas atividades eram efetivadas pelo beneficiamento de lã in natura, industrialização e comercialização da fibra natural. A Cooperativa tem relevância tanto no meio econômico, quanto no social para toda região do pampa, pois possibilita aos cidadãos uma renda direta, empregando 51 pessoas, levando em consideração que a cidade está com alto índice de desemprego (BRAZ et al., 2018). Conforme afirma a entrevistada 2 sobre sua situação econômica, quando diz que “[...] depois melhorou a minha vida, eu comecei a trabalhar na COOFITEC, comecei a ganhar mais, aí melhorou um pouquinho né, não lá mil maravilhas, mas melhorou, eu ajudava a minha mãe a

alimentar meus irmãos, que era tudo com dificuldade”. Ainda, ela menciona o quanto havia incentivos vinculados à integração social:

O presidente da COOFITEC era muito bom, sempre que a gente precisava de algum auxílio, ou de algum conselho, tipo assim, ou precisava sair cedo, sempre nos apoiava. Foi uma pessoa maravilhosa, não tenho queixa dele. Coisas boas marcantes, era negócio de fim de ano, primeiro do ano, festas, ele dava churrasco pra gente lá, tinha festa, a gente dançava, era muito boa. Eu gostava muito, eu sempre me dei bem com os colegas lá, e os colegas comigo (ENTREVISTADA 2).

Porém, de acordo com o Jornal A Platéia (2018) diz que a Cooperativa está com as atividades paradas:

Cooperativa dos Profissionais da Fiação e Tecelagem de Santana do Livramento (Coofitec) está a pouco tempo de se desinstalar dos antigos prédios do Lanifício Thomaz Albornoz, já que a estrutura foi vendida. É um momento de suspense, pois esperam um sinal positivo do Executivo municipal para transferir as máquinas e equipamentos para uma fração do antigo Swift Armour. O presidente da Coofitec diz que a prefeitura prometeu uma área do antigo frigorífico, terreno que hoje pertence a Cobreasul.

O que afirma que suspensão das atividades, é a reportagem do Jornal A Platéia (2020), que diz que o Grupo Righi adquiriu a propriedade, onde o Lanifício Albornoz era dono e onde por fim, atuava a COOFITEC. O Grupo Righi tem um projeto de criar um shopping, que poderá se chamar “Shopping Albornoz”, se a família autorizar. O Grupo Righi é uma empresa supermercadista local, que atua há 51 anos na cidade, além de gerar aproximadamente 1.100 empregos diretos e é o segundo maior contribuinte com a economia de Santana do Livramento (A PLATÉIA, 2020).

Entrando em contradição com uma manchete do Click RBS, dada um ano antes (2017), onde diz que o terreno onde era instalado o Frigorífico, poderá ser utilizado para criação de um novo complexo industrial. Mas foi levantado que não existem processos de tombamento daquela área. E diz que a Cobreasul, empresa proprietária do prédio já apresentou a Prefeitura

Municipal, um processo de desmembramento. Procedimentos semelhantes ao que fizeram com a planta do frigorífico de Rosário do Sul.

Além do Grupo Righi, antigamente tinha outra empresa supermercadista, a PegPag, que foi criada pelo empresário Victor Hugo Fialho, empresário santanense já falecido. O empresário atuou em muitos ramos do comércio e negócios imobiliários. Sempre foi movido a iniciativas de desenvolvimento para a cidade. Gerou muitos empregos e contribuiu na economia local. De acordo com a entrevistada 3, foi um bom lugar para trabalhar:

Era ótimo, pra mim era maravilhoso, a gente tinha um horário normal, os trabalhos eram normal, parece que a gente ganhava mais sabe, e que eu me lembro que eu ajudava em casa e eu andava bem vestida, eu naquela época né porque a gente morava no interior, não ia em muita festa no centro, por que era muito baile gaúcho, era muito CTG [...]. (ENTREVISTADO 3).

Ainda podemos ver na fala do entrevistado 5 que como o frigorífico, a rede supermercadista também proporcionava momentos de lazer para seus funcionários, “já a firma fazia assim, no dia do trabalhador, eles faziam uma reunião, às vezes tinha churrasco. Uma vez foi numa chácara e no final de ano também, mas era as únicas duas vezes que se uniam” (ENTREVISTADO 5).

Com o fechamento dessas principais empresas, com exceção do Grupo Righi, a partir da década de 1990, a cidade passou por uma crise econômica, ocorrendo o declínio dos principais negócios locais, pois a falta de empregos gerou substancialmente a queda de circulação econômica na região, corroborando com o relato do entrevistado 10 que diz “que hoje somos mais de 3, 4 mil pessoas, a parte sazonal, mandam pras maçãs, antes não, vinham pra trabalhar no frigorífico”.

Contudo, conforme Goulart, Misoczky e Flores (2017) Santana do Livramento passou muitos anos sendo um lugar do “já teve”, e passou a ser conhecida por sua potencialidade, atraindo alguns investimentos, sejam eles para o oferecimento de energia (eólica), como na tentativa de instaurar lojas francas na cidade. Como ressalta o Jornal A Platéia (2017), falando

sobre os esforços do meio empresarial e político para instalação dos esperados *free shops*, destacando que a cidade será pioneira na utilização de software de controle da Receita Federal, para controle fiscal das lojas francas. A conclusão da elaboração destes softwares ocorrerá a partir de homologação para utilizar recursos via Orçamento da União, além de necessitar de emendas parlamentares. Ainda, segundo reportagem de A Platéia (2017), quanto à expectativa de aumento de ofertas de emprego, Jairo Zamberlan, presidente da Associação Comercial e Industrial de Livramento (Acil), acredita que as oportunidades serão positivas (inclusive podendo aproveitar a mão de obra local), aumentando assim a circulação de recursos financeiros no Município (A PLATÉIA, 2017).

A vida e o cotidiano laboral oriundos da época das grandes empresas

Como ficou exposto ao decorrer do trabalho, as empresas citadas foram muito importantes para o desenvolvimento econômico e social de Santana do Livramento, identificando muitas afirmações positivas a respeito das empresas. Podemos visualizar a percepção dos trabalhadores, sobre esse auge econômico e as condições de vida, com a fala do entrevistado 1:

A rotina de trabalho era uma rotina puxada, tu entrava 6 horas da manhã, e saia as 18 horas da tarde, bueno a condição de vida, era claro, uma vida normal, tu tinha o trabalho, chegava no fim do mês tu tinha teu dinheiro, não só pra mim, pra muita gente, tu pode ver que Livramento cresceu, o Bairro Armour muito através do frigorífico [...](ENTREVISTADO 1).

Na fala do entrevistado 2, podemos ver que compartilha do mesmo sentimento de positividade do entrevistado anterior:

Sobre o Armour, frigorífico, eu não tinha muito conhecimento, eu sei que era uma firma boa, e tinha bastante emprego, tinha a, eles matavam os animais vendiam, eu cansei de ir lá comprar carne lá, comprava trazia o carneiro inteiro, eu ia de ônibus, era muito bom, as pessoas diziam, que era um trabalho muito bom lá[...] e depois tinha um engenho que vendia arroz, tinha depois o Lanifício, tinha várias coisas né, era isso aí (ENTREVISTADO 2).

Não obstante, para Assef (2017), nem tudo era perfeito; havia seus altos e baixos, como transportes insuficientes e perigosos, sendo que ocorriam acidentes, os locais de trabalho eram insalubres, o horário de trabalho era elevado, de até 14 horas diárias. Em um primeiro momento, observamos uma divergência disso no relato dos trabalhadores:

Ai era ótimo, eu sempre gostei de trabalhar, pra mim era maravilhoso, por que a gente tinha um horário né, normal, os trabalhos eram normal, que nem agora, mas parece que a gente ganhava mais sabe, porque eu me lembro que eu ajudava em casa (ENTREVISTADO 3).

Eu me lembro daquela época, tinha uma tia minha que trabalhava lá, era bem bom, eles pagavam bem, feriado se tivesse que trabalhar eles pagavam, eles eram bem de vida, assim, eles viviam bem melhor, porque o dinheiro valia mais né, mas agora que tá, era bem melhor de dinheiro, de finanças, isso que eu sei né, as pessoas viviam bem melhor (ENTREVISTADO 2).

Os relatos não corroboram com fatos jurídicos, que ocorreram durante muitos anos, processos trabalhistas se opondo às condições de trabalho, como afirma Assef (2017) dizendo que faltava fiscalização nos processos de trabalho, que alguns trabalhadores ficavam doentes, pegavam doenças, decorrentes dos locais de trabalho insalubres. Segundo um Laudo Pericial de 31 de julho de 1975, houve um processo contra as condições de trabalho insalubres e perigosas, obtendo um total de 344 reclamantes. Foram analisados todos os setores de trabalho apontados pelos reclamantes, e ao final da análise foi possível classificá-los em níveis de insalubridade e/ou periculosidade que até então não existiam (TRT-4, 2015). Além de um Recurso Ordinário da parte do Swift Armour, em 1996, recorrendo contra uma sentença, que foi decretada em favor de um ex-funcionário, para o pagamento dos encargos trabalhistas faltantes: parcelas rescisórias, retificação da CTPS, seguro-desemprego, multa de 40% sobre o FGTS e assistência judiciária gratuita.

Com esses documentos fica visível que, realmente, nem tudo era maravilhoso, porém os entrevistados não carregam uma imagem negativa do empresariado que atuava na região. Pelo contrário, a imagem é positiva, de grandes oportunidades existentes, como relata os entrevistados 1, 2 e 3:

Até porque no Armour eles te davam essa oportunidade, mas era pelo teu interesse próprio, eles viam que tu tinha interesse de aprender, aprender a , como é que eu vou te explicar, [...]pegar mais conhecimento sobre a área de produção, e ao momento que eles te davam o cargo agente trabalhava em grupo, eu graças a Deus eu sempre fui colega de todo mundo, e todos que trabalhavam comigo ao contrário, o pessoal no Armour é assim, tem gente que toda hora tá entrando e saindo, é por contrato, não era efetivado, tu entrava tinha um contrato de, faziam contrato por tonelada de carne, aquilo ali tu não sabia se ia durar um mês, dois mês, dependendo ai terminava o teu contrato, se eles viam que tu não tinha muito interesse de trabalhar ou começava a faltar já não renovava, aí tu saia (ENTREVISTADO 1).

No tempo que eu comecei trabalhar lá, eu entrei como sócia lá, porque no tempo da COOFITEC eles fecharam, aí depois entregaram lá, aí os trabalhadores todos eles se reuniram e cada um deu um, ajudou com dinheiro pra ficarem sócios, agente se associou, aí ficaram várias pessoas lá sócia, e trabalhava por conta, aí a gente ganhava o dia trabalhado, se trabalhava ganhava se não trabalhava não ganhava, mas não tinha direito a férias, não tinha direito a nada (ENTREVISTADO 2).

A minha mãe caminhava guria, eu não tenho noção de lá do KM 5 até i frigorífico Armour, mas eu tenho impressão que dá uns 10 15KM, por que ela ia pela tabatinga, passava todo o Carajá [...]ia a pé ela e as colegas, eu imagino assim hoje eu penso assim né, chegavam lá já destruídas, mas não, e voltavam, tinham prazer em ir, iam brincando isso e aquilo, e a volta a mesma coisa a pé [...] (ENTREVISTADO 3).

De acordo com o entrevistado 3, além dos empregos diretos, o Armour proporcionava a possibilidade de pequenos negócios ao seu redor:

E lá na frente do Armour era cheio de banca assim sabe, banquinha, vamos supor que nem ali no parque internacional, que vendiam cachorro-quente [...], no dia do pagamento era um monte de gente vendendo coisa na frente, o trabalho deles já era aquele, era banquinha dos dois lados, eu lembro que o pai ia buscar ela e a gente ia, daí nós ia pras banquinha comprar e comer essa tal de “empleada”, que era um luxo, como se fosse o *chivitos* hoje (ENTREVISTADO 3).

Por isso, segundo o entrevistado 10, não podemos levar em consideração somente as grandes indústrias. Temos que dar importância aos pequenos empreendimentos também:

“eram essas pequenas fábricas de sabão, eram as fábricas de vassoura, eram a fábrica de fumo e o Gazapina, [...], já ia me faltar também, Armour, Gazapina, Lanifício e o comércio, os quatro setores” (ENTREVISTADO 10).

Quando questionados sobre o encerramento das atividades das empresas citadas ao longo do estudo, boa parte dos entrevistados se demonstrou inconformado. Isso pode ser corroborado na fala do entrevistado 6: “Eu vejo com tristeza, porque a cidade cresceu em habitantes, cresceu em lojas, mas é algo que não dá futuro para os trabalhadores”. Além do entrevistado 7, que diz: “Eu acho que foi bem pior que quando apareceu a pandemia agora né... Ah foi horrível né, desemprego, pobreza, né...foi um caos [...]”. Podemos perceber até aqui, a existência de regularidades, seja de fatos expostos na mídia, processos jurídicos, que não deixam de ser acontecimentos, as falas dos entrevistados, que relataram suas vivências, cada um com sua singularidade e sua verdade. Singularidade que Foucault (2008, p. 228) “diz poder dar margem a certos números de transformações institucionais, e por conseguinte, econômicas, [...] que abrem pra ele um campo de possibilidades”. Contudo, identificamos o enunciado da nostalgia, pois atualmente seu cotidiano é pautado em recordações positivas em função de um passado próspero, que proporcionava oportunidades seguras de trabalho, corroborando com as próximas falas, reportagens jornalísticas online e comentários nas mesmas:

Era muito legal, ai eu queria que voltasse sabia, se voltasse, é que assim a gente sempre quer que volte aos anos atrás, porque hoje a gente tem uma experiência né, daí tu já sabe o que tu ia fazer lá, e tu não ia fazer, por isso a gente quer que volte [...]. Eu considero Livramento quebrada, eu não tenho esperança, eu trabalhei naquela época, tá tô trabalhando de carteira assinada, não sei o que, mas eu nunca pensei, aí porque eu vou arrumar emprego, esse emprego apareceu porque apareceu. E assim ó, que tem que eu veja assim, a quantidade de dente desempregado, tu vê nas eleição, 20.000 pessoas fora daqui (ENTREVISTADO 3).

Esta fala corrobora com a reportagem do Click RBS (2010), na qual expõe o decréscimo da população de Santana do Livramento de acordo com o Censo Demográfico, diz que antes ao mesmo tempo que saíam habitantes da cidade, nasciam outros, mantendo a população, mas

agora isto mudou. O Jornal A Plateia (2018) diz que a região perdeu em torno de 4.549 habitantes, diminuindo assim, os repasses e verbas para o município. No próximo relato, podemos ver que os entrevistados compartilham do sentimento de nostalgia:

Naquela época da antiga, era bem melhor, não tem nem comparação, não tinha quase doença, todo mundo tomava remédio natural, agora essa pandemia tá horrível né. A alimentação era muito melhor, tudo natural, a gente era pobre, mas a gente comia bem, com dificuldade, mas a gente comia. Agora tá tudo difícil, tudo contaminado, bah era maravilhoso antigamente, não tem nem comparação. Naquela época era bem mais fácil de sobreviver, de tu ter amigos, de tu ter companheirismo, tudo, tudo era, tu podia sentar na frente, tu ficava na frente conversava com os amigos, tu saía a hora que tu queria, agora é só morte, é só briga, é tudo não tem amigos[...] (ENTREVISTADO 2).

Podemos ver a indignação da população, com o fechamento do frigorífico e por falta de atitudes por parte do governo, para que pudesse retomar as atividades industriais, em um comentário postado em uma reportagem midiática:

Isto realmente é um absurdo, talvez por vaidade ou mesmo mostrar que são poderosos nosso POLÍTICOS, nada fazem para recuperar um PATRIMÔNIO, que muito serviu nosso país. Talvez seja mais fácil importar de outros países. Tenho muita saudade da DOBRADINHA que vinha em uma caixa(desidratada), era menino (COSTA, 2021) (COMENTÁRIO EM UMA REPORTAGEM).

E na fala do entrevistado 1, também podemos ver a falta de movimentação pelo órgão público:

Eu, sinceramente, não lembro de ver a prefeitura se movimentar pra abrir o frigorífico. Eu me lembro que uma vez, eu era da diretoria do Recreativo... a gente fez uma janta, e aí... nesse momento se encontrava um ex-prefeito, que era o Glênio Lemos, tá... aí ele comentou com nós ali, uma reunião que seria uma boa o frigorífico por todos benefícios que trizeria pra cidade, pra Prefeitura. Tu vê que arrecadaria mais impostos. O próprio DAE mesmo [...] tinha quatro postos que era exclusivamente para abastecer o frigorífico na época de matança [...] (ENTREVISTADO 1).

A falta de manifestação pública, além de comunitária também fica evidente na fala do entrevistado 8 ao mencionar que “a Prefeitura na época [...] não fez nada pra impedir. Não tinha também poder sobre isso, mas também não houve manifestação nenhuma da comunidade”. Ao falar da comunidade e da classe trabalhadora, o entrevistado 9 diz que: “nunca arrumamos nada [...] então, assim, oh: em questão de matéria política, eu nunca vi ninguém dar um apoio”. Essa fala pode ser reforçada pelo entrevistado 11 que relata sobre a classe trabalhadora que “não houve nenhuma tentativa nossa nesse sentido. Nossa esperança era que uma empresa de médio ou grande porte tivesse interesse na nossa planta”. Além disso, o entrevistado 11 destaca que, mesmo sem receber salário, trabalhou conjuntamente com 88 funcionários nesta época de encerramento do Armour:

Em conjunto com o nosso Sindicato, apelamos muito aos políticos locais, para tentar evitar o fechamento da empresa, sem sucesso. Após o fechamento da empresa, ficamos 88 funcionários, em turnos, dia e noite, cuidando do patrimônio, dando manutenção ao maquinário e atendimento a ex-funcionários, no escritório da empresa, ficamos 3 longos anos, sem receber salários na esperança de reabertura da empresa; (ENTREVISTADO 11).

A partir deste relato, encontramos similaridades na forma que os trabalhadores se uniam, na tentativa de impedir o fechamento e reivindicar seus direitos. Foi possível identificar o enunciado da politização/despolitização, pois se reúnem para fazer manifestações, em prol da continuidade, porém, mesmo com estas atitudes, entendemos que os funcionários estavam sempre repassando a responsabilidade de dar seguimento aos negócios locais, para terceiros, minimizando a própria capacidade da classe operária de assumir a liderança. Fica muito claro na fala do entrevistado 10: “ah mas eles são ricos tem que mandar”, além do entrevistado 1 que diz que “é muito complicado né, porque além de que tinha que ter um capital muito grande, porque tu vê que pra comprar gado tu precisava ter muito dinheiro, então teria que ter um respaldo grande”. Um exemplo disso também na fala do entrevistado 6 que acredita ter faltado informações aos funcionários da época a respeito dos seus direitos, não apenas trabalhistas, mas enquanto classe operária que poderia se unir para assumir o comando das operações:

Eles sabiam que tinham direitos, mas eles não valorizavam esses direitos que a gente tem. Então aí faltou um pouco de explicação, de... pra que eles entendessem também e pudessem...talvez de um líder, alguém que estivesse no meio deles, pra levar eles a ir de encontro, a buscar que não fechasse, eu acredito que tenha sido isso (ENTREVISTADO 6).

Contraopondo essas posturas mais despolidizadas pelos trabalhadores durante a década de 1990, o estudo de Souza (2014) nos mostra que, já na década de 1950, existia um contexto social de militâncias operárias, em busca de terminar com uma ordem desigual e de valores injustos, já que os operários se politizavam ao se unir para afrontar os poderosos da oligarquia local, ou seja, os “gringos”, donos do frigorífico. Acrescido a isso, também na década de 1990, em meios ao fechamento definitivo, observamos a fala do entrevistado 4 que relembra momentos de manifestações por parte dos trabalhadores e sindicatos: “Aí foi, acho que a primeira, primeira firma, primeira empresa de Livramento... aí particular, que teve coragem de fazer greve. A gente fez mais de uma semana de greve”, greve esta que serviu tanto para reivindicar os salários atrasados, quanto tentar buscar alternativas para não fechar a indústria.

Além disso, o entrevistado 14 reforça essa luta pelo não fechamento: “claro que eu cruzava ali e eu via que tinha greve na frente e estavam pedindo pra não fechar”. Dessa forma, evidenciamos a existência de conflitos entre as partes envolvidas, pois “faz muitos anos que tá em uma briga de patrão e empregado ali, que devem pros empregados e aquilo nunca funcionou mais”. Esse relato do entrevistado 17 menciona o imbróglgio que foi o fim das atividades do Swift Armour em Sant’Ana do Livramento.

Há que se destacar que, de acordo com o entrevistado 18, “foram feitos estudos propostos até mesmo na Câmara dos Vereadores de criar uma cooperativa na planta do antigo frigorífico”, apresentando uma alternativa para o poder público de forma a assegurar a manutenção de empregos no Município. Segundo ele, “existia a possibilidade, mas interesses políticos não permitiam”, reforçando alguns relatos anteriores, quando falam que o poder público não atuou para reverter a situação.

Conforme os dados apresentados até aqui, podemos identificar nitidamente o enunciado da nostalgia que reforça a noção de outro enunciado que foi se acumulando na história santanense: o do conformismo. Ele fica aparente na fala do entrevistado 3: “Não havia miséria”, e do entrevistado 11: “éramos felizes e não sabíamos”, faz-nos entender que se sentiam satisfeitos com o contexto laboral oferecido, ou seja, como se a realidade social e econômica oriunda dessas condições de trabalho fosse suficiente e a única possível, mesmo com longas jornadas de trabalho, de carga horária excessiva, como nos revela o entrevistado 15: “entrava às 2, 3 horas da manhã no Armour. Eu morava em Rivera ainda. Quanto mais hora tu fazia, mais tu ganhava; e nós fazia 10, 12, 14 horas, entendeu?”. Além do entrevistado 13 nos contando que “a carga horária era grande, só dava tempo de chegar em casa, descansar e se preparar pra levantar no outro dia de manhã pra ir trabalhar”. Em contrapartida, no relato do entrevistado 18, podemos perceber um lampejo de insatisfação com relação à realidade rígida das rotinas de trabalho na época das grandes indústrias:

[...] um dia eu estava na 9 de Julho, esquina com a São João, almoçando em um restaurante com um colega meu e me engasguei. Me lembro que foi um escândalo aquilo, joguei prato pra tudo que lado. Já tava esgotado – esgotado! – e aí ia passar trabalho lá por quê? A companhia me tirava tudo. Senti que fisicamente eu não ia aguentar e pedi pra sair [...] (ENTREVISTADO 18).

Todavia, a maioria dos entrevistados se via governado discursivamente por esse enunciado do conformismo com relação à segurança social que a época oferecia para quem era trabalhador e aceitava a lógica proposta. Observamos isso na fala dos entrevistados 3 e 2, quando falam que “era muito legal, eu queria que voltasse, eu sei que era uma firma boa, e tinha bastante emprego” (ENTREVISTADO 3) e também diziam “era muito bom, as pessoas diziam que era um trabalho muito bom lá [...] e depois tinha um engenho que vendia arroz, tinha depois o Lanificio, tinha várias” (ENTREVISTADO 2). O sentimento que pairava no ar da cidade naquela época era unânime, de acordo com as narrativas, informações adquiridas até aqui, e como Assef (2017) nos revela:

Para os antigos moradores que viveram a efervescência do trabalho em torno dos processos de abate do gado e da industrialização da carne, as ruas empedradas que

hoje exalam uma rara calma, remetem a um local onde outrora se gerava a força econômica do município e o coração pulsante de um bairro chamado —industrial. Por décadas, a fábrica marcaria o cotidiano da fronteira, com o som potente do apito que assinalava a troca de turnos, a invadir indistintamente os lares e as classes sociais. (ASSEF, 2017).

Por mais que tenham realizado pesquisas, como citado anteriormente pelos autores Goulart, Misoczky e Flores (2017), para atrair novos investidores para a região, além de matérias, como o Jornal A Platéia (2018) que fala do projeto do Centro Internacional de Compras (os *Free shops*) que deverá ser instalado nas antigas instalações do frigorífico Swift Armour, em Santana do Livramento, vemos a falta de perspectiva futura:

[...] tantos comentários que surgiu ali que eles iam botar fábrica de fio que iam botar fábrica de não sei o quê, que ia vir não sei o quê lá, que aquilo ali é um elefante branco mal aproveitado hoje, [...] definitivo Livramento quase, pra mim quebrou, hoje aqui a cidade como eu digo aqui a cidade é de aposentados e militar, e do comerciante que aqui cresceu muito o comercio aqui não tem indústria mas pro lado que tu olhe tem comercio... (ENTREVISTADO 9).

Ainda na mesma reportagem, de acordo com o site das lojas francas, os processos burocráticos já foram autorizados pela legislação brasileira e regulamentado pela Receita Federal. Prevê-se um hotel, lanchonetes, *drive thru*, restaurantes, supermercados com estacionamento para ônibus, caminhões e carros de passeio. Com o objetivo de gerar 1000 empregos diretos e 2000 indiretos, com um grande investimento de mais de R\$150 milhões.

Aparentemente parecem ser boas notícias, todavia, de acordo com Goulart, Misoczky e Flores (2017), a promessa de instalações de *free shops*, entre outros empreendimentos, causa insatisfação e revolta na população, pois faz anos que não se concretizam. Assim, não muda o pensamento dos santanenses, pois em suas falas identificamos uma percepção de desamparo social, devido a salientarem que antes trabalhavam com carteira assinada, como revela o entrevistado 12: “eu já comecei ai, eu trabalhei ainda em posto de gasolina, mas de carteira assinada só no Armour”, e do entrevistado 13 “[...] era 23 anos, foi, que eu vim para o Armour

e fiquei até sair... que foi em 1992. Foi isto; praticamente com carteira assinada, foi só no Swift que eu trabalhei”.

Isto nos leva ao que Foucault (2008, p. 199) chama de privatização dos mecanismos de seguridade social, em que as pessoas se tornam empreendedores de si, sendo como pessoa física ou pessoa jurídica, tornam-se responsáveis pelos possíveis riscos que vierem a ocorrer na lógica de trabalho.

Em meio às reportagens, comentários, processos, e relatos pessoais, as pessoas têm imbricados em si este sentimento de saudade, de lembranças positivas, por mais que tenham fatos comprovados que entrem em conflito com este senso comum. Dentre estes dados, ficou exposto uma realidade atual pautada em um passado contraditoriamente perfeito. Foi possível relacionar o enunciado da nostalgia com o do conformismo, em que os santanenses estavam satisfeitos com a seguridade social e econômica que a região proporcionava na época e que, hoje em dia, eles não têm mais essa percepção.

Conseguimos identificar até aqui, que desde o processo industrial até a atualidade, as formas de governo locais utilizam ações de controle, a fim de encaixar a sociedade em uma moldura pré-determinada (FOUCAULT, 2008, p. 193). Ações que buscam intervir em primeiro lugar, na população, adequando as possibilidades de estadia na cidade ou migração para outras localidades. Neste estudo fica visível; pois, no auge das indústrias, a população residia na cidade, já com o encerramento, muitos migraram para outros municípios.

Com o declínio das indústrias, os entrevistados demonstraram falta de esperança no município, ainda mais quando se trata de emprego. Podemos ver uma reinvenção trabalhista na fala do entrevistado 9 quando diz: “eu tive um pouco de sorte por causa que eu trabalhei um ‘mundaréu’ de anos lá, depois eu botei esse negócio meu aqui”. Já o entrevistado 1 diz que: “saí do frigorífico e fui trabalhar no Clube Campestre, que é uma potência também[...] hoje eu trabalho com o bar do clube, mas ele é meu”. Além disso, o entrevistado 8 menciona: “Como eu me aposentei cedo, né... eu nunca parei de trabalhar. Depois abrimos na faixa [avenida principal], em parceria com um colega, uma firma de escapamentos”.

Segundo Foucault (2008, p. 193), a legislação é um grande aliado do controle, pois com a reinvenção do trabalho, o chamado empreendedorismo, é necessária a criação de novas normas e leis para dar segurança jurídica às novas formas de trabalho. Assim acontece com o Microempreendedor Individual (MEI), sendo uma forma de legitimar a empresa legalmente, pagar os impostos e estar dentro da lei. Entretanto, percebemos que é uma tentativa governamental de se abster das obrigações sociais e econômicas com o trabalhador. Conforme um estudo realizado por Medeiros (2018, p. 131) nos dizendo que:

[...] essa forma de governo da população, aplicada atualmente por um estado marcado cada vez mais pelos princípios do neoliberalismo que preconizam o livre mercado com mínima participação estatal na economia, baixa intervenção no mercado de trabalho e a desburocratização do estado, tornando leis e regras econômicas mais simples para facilitar o funcionamento das atividades econômicas mais flexíveis e negociáveis; levamos a um modo de subjetivação capitalística que nos afasta do debate político e democrático e nos amarra a um modo de viver capitalizado, permeado por autoritarismo e utilitarismo (MEDEIROS, 2018, p. 131).

Traz uma visão diferente do que acontecia antigamente, as pessoas começaram a se reinventar em uma lógica empreendedora, como o entrevistado 17 diz “A Livramento é [...] de admirar porquê [...] tem pouca coisa e o pessoal consegue viver né, [...] aqui em Livramento o pessoal é artista né”.

Esta mudança pode ser consequência de um estado de desamparo, como o entrevistado 4 relata: “Eu acredito que a gente perdeu certos privilégios, [...] certos direitos trabalhistas a gente perdeu, e com essa reforma que teve agora, a gente perdeu tá, e acredito que a gente vai perder muito mais, porque eles fazem as leis para eles, não para nós né”.

Conforme as falas apresentadas até aqui, identificamos o que Foucault (2008, p. 203) chama de generalização da forma empresa, ou seja, uma multiplicação dos indivíduos (empreendedor de si) no interior do corpo social, que integra o objetivo da política neoliberal. Além dos relatos, temos a matéria do Jornal A Platéia (2021) que mostra o aumento significativo de novos empreendimentos na cidade:

A Sala do Empreendedor registrou 122 Microempreendedores Individuais nos últimos cinco meses em Sant'Ana do Livramento, sendo 52 cadastros, apenas em 60 dias. Empreender, naturalmente é um grande desafio, mas se tornou ainda mais difícil durante a pandemia, causada pelo Covid-19. Contudo, Sant'Ana do Livramento teve marcas expressivas de cadastros de micro e pequenas empresas nesse período. O coordenador da Sala do Empreendedor, Marcelio Torres relatou que realizou 1.325 atendimentos somente de janeiro a maio deste ano (A PLATÉIA, 2021).

Mesmo com as dificuldades durante o momento da pandemia de COVID-19, os santanenses estão investindo no próprio negócio, como a matéria do Jornal A Platéia (2021), que apresenta uma santanense que inovou a maneira de empreender, quando decidiu abrir um Splash Bebidas Urbanas, depois de ganhar seu terceiro filho durante a pandemia, que foi destaque da última edição da revista de Pequenas Empresas e Grandes Negócios (PEGN), ajudando a aquecer a economia local.

Estas ações atuam na inovação de tecnologias, de maquinário, nos processos de trabalho e na formação de pessoas. Fatos que irão resultar na ampliação das formas de atuação. Antigamente, os trabalhos eram manuais e com o avanço tecnológico diminui a necessidade de pessoas para executar os processos de trabalho, as máquinas substituem exponencialmente essa demanda, como relata o entrevistado 9: “foi tirando a mão de obra também né ela foi diminuindo [...] os setores tudo foram diminuindo. [...] Porque o setor que trabalhava [...] com 2 mil pessoas já tava com 1.000 pessoas só por causa do maquinário moderno e produzindo até mais”, concordando com o entrevistado 7 que nos diz que “naquela época trabalhava [...] 4.500 a 5.000 funcionários, [...]se trabalhava [...]essa quantia de pessoas, hoje talvez tivesse trabalhando 30% e olhe lá né, porque...tomou conta né...a tecnologia tomou conta”. Além do entrevistado 8, que em termos de produção e custo, compara aquela época em relação aos dias de hoje:

[...] chegou a ter na época da safra quatro mil e quinhentos funcionários, na picada e na desossa, ali trabalhava em torno de trezentas pessoas. Então, era um volume de produção muito alto. Era uma estrutura bem arquitetada na época né, época em que o petróleo era baixo, combustível era baixo, o custo da lenha também, energia elétrica. Hoje, as empresas são mais enxutas, visando mais economia. Na época, não tinha placa

solar, os volumes de água eram enormes na época, hoje se forem abrir uma indústria local, as quantidades são inferiores...épocas de fartura, uns anos atrás. Agora a população aumentou, tudo é mais uniformizado, mais compactado do que antigamente (ENTREVISTADO 8).

Nesses relatos podemos perceber que, atualmente, as antigas indústrias que atuavam na região, talvez não necessitassem hoje de tanta mão de obra como antigamente. Em matéria no *Jornal Em Foco* (2018) isso se corrobora, mencionando que o avanço tecnológico é um fator relevante nesse processo de substituição da mão de obra humana, ou seja, as máquinas apresentam mais precisão e rapidez na execução das tarefas. Todavia, salienta que por trás destas invenções tecnológicas, estão pessoas, profissionais capacitados e qualificados para idealizar tudo isso.

Com a instalação da universidade pública na região a partir de 2005, podemos notar a transformação da mentalidade regional, já que a reivindicação da comunidade foi um fator chave para trazer o ensino superior, público e de qualidade para o município (UNIPAMPA, 2019). A universidade proporciona projetos de pesquisa, ensino e extensão, com o objetivo de capacitar os estudantes, além de formar sujeitos comprometidos para atuar no processo de desenvolvimento regional, nacional e internacional (UNIPAMPA, 2019).

Essa importância que a formação tem demonstrado no âmbito empresarial, no desenvolvimento econômico e social, demonstra que pessoas qualificadas e capacitadas trazem a expertise no conhecimento administrativo. Entendemos que máquinas não podem substituir seres humanos, pois as pessoas são os seres pensantes por trás do avanço tecnológico, fator este que possibilita a geração de novos empregos. Todavia, de acordo com Guattari (2001), em função do desenvolvimento acelerado do trabalho maquínico, desencadeado pelo avanço tecnológico, ou seja, o avanço nos estudos técnico-científicos possibilita a substituição do trabalho humano pelas máquinas, conseqüentemente, aumenta a extração das forças produtivas, disponibilizando cada vez mais o tempo de atividade humana. Isso pode ser confirmado no relato do entrevistado 10:

Hoje as estâncias se tecnificaram, colocaram equipamentos. O capitalismo tá no campo geral, e isso teve como consequência a fusão dessa massa de gente que não tiveram outra opção... [Elas] são precarizadas, e hoje aquele processo que dizia – um dia vai chegar – os primeiros assentados que vieram pra cá nos Munhoz [cerro na região] hoje tem 10 caminhões de leite [...] lá da cooperativa que tem, as gurias filhas dos assentados lá, já tão formada universitárias (ENTREVISTADO 10).

Então, enquanto administradores de empresas da região, temos que pensar, não somente em quem vai executar o trabalho manual, mas sim, nas formas de gestão que estão imbricadas na mentalidade do empresariado atual, e tentar inová-las, sair do conformismo, do que está imposto pelo dispositivo do management, que atribui ao ato de administrar, a realização repetitiva e rígida dos ferramentais consolidados para planejar, organizar, dirigir e controlar (MEDEIROS, 2018). A seguir iremos apresentar a percepção dos trabalhadores em relação à gestão do empresariado das grandes empresas.

Mentalidade de gestão oriunda da época das grandes empresas

Iniciaremos este tópico lembrando que as indústrias que se instalaram na cidade no século passado, passaram por diversos governos – um bem destacado foi o governo da ditadura militar. Neste período, de acordo com Asséf (2017), ocorreram muitas tentativas de enfrentamento da classe operária contra o discurso emanado na época. Eles se reuniam clandestinamente para discutir maneiras de ir além do que já estavam fazendo, como agitações sindicais.

Segundo Souza (2014), acontecem algumas greves no decorrer da história da cidade, sempre pleiteando aumentos salariais, melhores condições de trabalho, diminuição da carga horária, entre outras reivindicações. A mais marcante segundo o mesmo autor, foi na época da ditadura, e resultou em uma chacina de militantes do Partido Comunista. A fala do entrevistado 10 corrobora com o exposto:

Não é por nada que os operários espanhóis [...] e a chacina do Partido Comunista, dos militantes operários. Esses militantes comunistas eram todos operários do Armour, foram os que mataram, eram todos trabalhadores do Armour. Então, a relação era de respeito, porque tinha sindicato (ENTREVISTADO 10).

Em função dessa truculenta forma de lidar com as reivindicações sindicais, no decorrer dos relatos dos entrevistados, foi possível compreender que a gestão era pautada na lógica da obediência, da hierarquização e da rigidez, destacadas na fala do entrevistado 13:

Uma rotina disciplinada com horários, com trabalho já predefinido um dia anterior. Havia uma contabilidade, um controle com engenharia industrial sabendo o movimento de cada trabalho. Havia uma eficiência diária do departamento, que tinha que ser atingida. Tudo isso aí era controlado. Não havia uma pressão, mas havia um controle, de se fazer o trabalho no ritmo certo pra que se desempenhasse com uma certa eficiência e atingisse a porcentagem dada a cada dia (ENTREVISTADO 13).

Isso nos remete às ideias de Foucault (1999, p. 183), ao mencionar que “a disciplina é uma arte de compor as forças para obter um aparelho eficiente”, ou seja, é a tentativa de capitalizar o tempo dos sujeitos, acumulá-los em si mesmo, no seu próprio corpo, com suas próprias habilidades, mas que sejam adaptáveis a manipulações e controle (FOUCAULT, 1999).

Podemos observar já essa docilização dos corpos submissos à lógica disciplinar exploradas por Foucault (1999), quando na fala do entrevistado 8 percebemos um apreço por essa forma de gestão: “a relação patrão e empregado era muito boa, havia um respeito e uma disciplina muito grande. Esse respeito era mútuo entre chefia e empregados [...] tinha normas a cumprir, uniformes. Cabelo comprido não podia por contaminação”, pois de acordo com o mesmo entrevistado, o mercado europeu era muito exigente com os procedimentos de produção. Aliás, o entrevistado 7 reafirma essa percepção:

Era um regime pra lhe dizer assim, em termos de patrão e empregado, tipo quartel né [...] Era barba feita, cabelo cortado, o horário de entrar era às 6h e 6h tinha que estar pronto pra trabalhar. [...] Café era 15 minutos e deu. Tinha que estar no departamento. Tinha uma série de coisas assim meio semelhante com o quartel (ENTREVISTADO 7).

Podemos identificar, a partir da análise enunciativa nas falas descritas acima, o enunciado da disciplina, aparente nos modos de gestão na época das grandes indústrias, decorrente do militarismo como prática discursiva imposta na época. Isso pode ser corroborado por Assef (2017), ao salientar que a força policial da ditadura estava atuando em

conluio com os serviços secretos americanos na repressão aos trabalhadores do frigorífico. Ainda, conforme Souza (2014), ocorreram processos eleitorais nos quais os operários e líderes sindicais tentavam se candidatar a cargos políticos, mas a repressão oriunda da ditadura aniquilava a agitação dos trabalhadores.

Observamos que, naquela época, o enunciado da politização era muito forte quando os trabalhadores se uniam para assumir algum tipo de liderança no poder público, em busca de direitos, e que a lei amparasse esses direitos. Contudo, identificamos que o enunciado da despolitização ocorre quando deixam de lado os questionamentos sobre melhores condições de trabalho e direitos, deixam de participar dos sindicatos e das manifestações, entrando em conflito com o enunciado anterior. Podemos associar essas atitudes de despolitização, com o avanço do neoliberalismo, pois segundo Foucault (2008), já ao final da década de 1940, as pessoas acabavam de sair de uma crise econômica e social, em decorrência da guerra, sendo solicitada uma entrega total da população ao governo, ao criar um sistema de pacto em que lhes prometiam “a segurança do emprego, segurança em relação às doenças, às diversas vicissitudes, segurança quanto à aposentadoria” (p. 298). Pactos esses que aglomeravam técnicas de controle econômico, sendo que os elementos que sustentam este pensamento neoliberal estão até hoje sobrepostos aos programas de pobreza, educação, segregação e no crescimento da administração federal, que foram desenvolvidos na administração de Truman (FOUCAULT, 2008, p. 299).

Como vimos anteriormente nos relatos sobre a chacina dos militantes do Partido Comunista, que ao não se conformarem com o sistema governamental imposto, se revoltaram contra o Governo Dutra na década de 1950, que se alinhava com a Doutrina Truman, e esta incentivou e estimulou a repressão aos comunistas (SOUZA, 2017). De lá pra cá, houve o mutismo sobre revoltas, o que não significa que não aconteciam, mas ocorriam clandestinamente. Mutismo que Foucault (1999, p. 21) diz “que de tanto calar-se, impõe o silêncio. Censura”.

Isso tudo se imbrica com o enunciado do conformismo, pois se despolitizam e se conformam com a gestão que está atuante, como percebemos nos relatos anteriores, quando

salientam a importância de trabalhar de carteira assinada, com seguridade social. Assim, o enunciado da disciplina é uma ferramenta para manter a ordem social e econômica. Isso se expressa no relato do entrevistado 4 dizendo que “eu sempre fiz o meu serviço, que mandavam eu fazer” [...]. Eu tive um chefe de seção que [...] ele elogiava o pessoal num dia, naquele mesmo dia se vacila botava pra fora”. Aliado a ele, o entrevistado 9 menciona que o controle dos produtos tinha que ser exato “para não te dar problema, senão os patrão vinham incomodando: ó, o volume foi baixo, o rendimento da hora foi baixo!”. Observamos que é uma lógica de preocupações por parte dos funcionários que foram avançando ao decorrer dos anos.

Além disso, existia uma organização estruturada de forma rígida em processos de hierarquização. O entrevistado 13 demonstra essa hierarquização implantada na época, e acredita que se assemelhava a uma estrutura taylorista:

É uma pirâmide onde o organograma é gerência, superintendência e depois, subdividida cada área com os divisionais de área, depois os chefes de setores, depois supervisores, capatazes e outro subtítulo que davam abaixo de capataz, que era o sota capataz ou peão [...] que diziam, que era aqueles que estavam à frente do serviço com os operários. (ENTREVISTADO 13).

Ficou tão imbricada nos funcionários, que mesmo o operário ao subir de cargo, a percepção de “eu mando e tu obedece”, advinda do famoso ditado popular “manda quem pode, obedece quem tem juízo” acompanhou esses trabalhadores historicamente, como vemos na fala do entrevistado 9:

Nessa época que nós entramos de supervisor: tu é supervisor – uma porque tu tinha personalidade para mandar, começava por aí; e outra, que tu tinha que ter facilidade para aprender, fazer as coisas e saber mandar. [...] a pior coisa que tem é tu lidar com o ser humano. Isso é a pior coisa, porque [se] tu trata bem, tu é burro. Se tu é sério, tu não presta. Se tu faz que não enxerga, é um boca aberta. E o funcionário é aquela coisa, tu tem que tratar ele bem, mas tu não pode deixar ele dominar. Então, [...] cada um tem que se botar no seu lugar: tu é funcionário, eu sou supervisor! Lá fora, eu sou teu amigo, teu colega; mas aqui dentro eu sou supervisor [...] nunca misturar (ENTREVISTADO 9).

Além do entrevistado 17 que descreve sua percepção sobre o relacionamento entre empregado e supervisor:

Eu vou te dizer uma coisa, tinha muito “cascarria” ali dentro. O Armour fechou. Não foi legal fechar o Armour. Viste porque liquidou com a cidade aquilo ali né, tchê, mas pra muita gente que trabalhava lá dentro de chefe, encarregado, foi bom porque eles eram muito prepotentes. Eles achavam que aquilo nunca ia terminar lá. [...] Eles te dizia, se tu não obedecia, tu não fazia... na primeira soltada que iam diminuir o pessoal eles te soltavam. [...] Teve um que morreu agora pouco [...] ele tava agora numa cadeira de rodas e eu dizia pra ele – me dava demais com ele: tu não vai morrer agora, tu tem muito que pagar. Tu fez muita maldade lá. Eles ameaçavam os caras, esse [supervisor] mesmo, ele tinha um armazém, vendia roupa. Ele, se o cara não comprava dele, ele largava na primeira oportunidade. [...] O troço era assim (ENTREVISTADO 17).

Conseguimos nessas falas, reconhecer o enunciado do mandonismo, como forma de existência, de atuação, de identificação da função exercida. Quando o funcionário alcança um cargo superior, ele esquece que já esteve um degrau abaixo. Ficou aparente que ocorriam relações de poder entre os próprios funcionários, sendo o supervisor uma ferramenta de vigilância, a fim de controlar os processos de produção, e garantir todo o disciplinamento teorizado por Foucault (1999). Além disso, os funcionários sendo os subjugados dentro desta relação, conformando-se com a gestão imposta, despolitizando-se com o objetivo de assegurar o emprego, a seguridade social e a estabilidade que era proporcionada na época vão dar corpo ao conjunto de enunciados que pudemos identificar presentes em torno da formação discursiva da mentalidade de gestão na época das grandes empresas que passaram por Santana do Livramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou analisar como se forma historicamente o discurso da mentalidade de gestão oriunda das grandes empresas de Sant’Ana do Livramento/RS. Para tanto, procuramos, de forma específica: (1) compreender a atuação das grandes empresas santanenses na história local; (2) identificar os enunciados que sustentam a formação discursiva da mentalidade de gestão propagada pelas grandes empresas santanenses; (3)

investigar como os trabalhadores santanenses envolvidos com esse discurso gerencial se constituem a partir dele. Os objetivos do estudo foram alcançados através da análise dos documentos adquiridos, ou seja, de jornais, reportagens, processos jurídicos, bem como pesquisa bibliográfica, em artigos científicos, monografias e livros, além de entrevistas com dezoito pessoas que trabalharam e/ou acompanharam as décadas de acontecimentos na região.

Na análise da formação discursiva, sustentada pelas teorizações foucaultianas, manifestaram-se cinco enunciados: a) o enunciado da nostalgia, pois o cotidiano atual dos cidadãos é marcado pelas recordações de um passado afortunado, que favorecia o emprego. Assim, as pessoas resistem à ideia de inovação na cidade, não acreditam que ela poderá se reerguer, mesmo com as tentativas de instalações de lojas francas e quaisquer empreendimentos que tentem vigorar; b) o enunciado da politização/despolitização, quando se reuniam para fazer manifestações em prol da continuidade de grandes empresas instaladas na cidade, por vezes os trabalhadores da época sofriam represálias, passando a introjetar uma posição mais passiva delegando responsabilidade por condução desses empreendimentos para terceiros, minimizando a capacidade da classe operária de se articular coletivamente; c) o enunciado do conformismo é um desdobramento dos enunciados anteriores na formação discursiva em torno da mentalidade de governo na cidade, pois denota que os trabalhadores se sentiam satisfeitos e conformados com o contexto laboral da época das grandes indústrias e com a realidade social e econômica vivida, em função da maior seguridade social percebida pelos trabalhadores, mesmo que provenientes de longas jornadas de trabalho e de carga horária excessiva; d) o enunciado da disciplina ficou aparente, quando se faz analogia ao quartel e ao militarismo, quando questionados sobre os modos de gestão da época; e) o enunciado do mandonismo, se reflete quando um funcionário chegava ao cargo de supervisor, ele esquecia que já esteve em uma posição inferior. A lógica da hierarquização ganhava primazia e ocorriam relações de poder e controle entre os próprios funcionários. Estes cinco enunciados sustentam a formação discursiva abordada neste estudo, o que não significa a inexistência de outros enunciados que nesse processo de pesquisa não se mostraram presentes.

Os sujeitos santanenses se constituem a partir das recordações de um passado afortunado, além do conformismo daquela época, que ainda hoje, resulta na migração de muitos habitantes da região, para outras localidades. Essa mentalidade conformada influencia a vida das pessoas, normalmente das pessoas mais velhas que vivenciaram a época dos “anos de ouro”, porém os jovens também são frutos dessa cultura local abnegada trazida do passado.

Muitos vão embora por falta de expectativa profissional, como também pessoal. Contudo, vimos que a Universidade Federal do Pampa tem atuado no processo de desenvolvimento profissional da população, ampliando a mentalidade de seus estudantes, que serão os futuros protagonistas no desenvolvimento regional. Práticas como esta podem ser vistas nas iniciativas empreendedoras que contornam a região, por mais que sejam originárias das flexibilizações laborais, atribuídas à escassez dos direitos trabalhistas e à percepção da falta de seguridade social. Fatores esses que direcionam os trabalhadores santanenses a se transformarem em empreendedores de si, responsabilizando-os por todas necessidades que os circundam, lógica que Foucault (2008, p. 203) atrela às políticas neoliberais, que têm por finalidade a “multiplicação da forma empresa no interior no corpo social”.

Ainda assim, podemos relacionar os acontecimentos passados com os atuais, entendendo que os fatos históricos ocorridos até aqui levaram a essa mentalidade de gestão pautada na disciplina e no mandonismo, constituindo sujeitos trabalhadores nostálgicos, conformados e despolitizados. Todavia, a formação de um corpo de profissionais administrativos pela UNIPAMPA nos últimos 15 anos tende a reconfigurar no futuro os enunciados que irão compor o discurso da mentalidade de gestão do empresariado santanense.

O estudo teve limitações devido aos decretos de distanciamento social, provenientes da pandemia de COVID-19, impossibilitando o comparecimento em lugares com acervos importantes, como os do Museu David Canabarro, do Memorial Ivo Caggiani, da Câmara dos Vereadores, da Biblioteca Municipal, entre outros lugares de acesso aos acervos de documentos municipais. Além disso, dificultou a realização das entrevistas presenciais, já que a maioria dos entrevistados se encaixavam no grupo de risco de contágio da doença.

Para futuras pesquisas, torna-se relevante entrevistar pessoas mais jovens para ver as repercussões da mentalidade de gestão na juventude laboral santanense, além de comparecer nos acervos municipais, a fim de aprofundar as análises ainda mais com outros documentos

possíveis. Ainda, seria interessante investigar entre a população mais jovem da cidade como eles observam a mentalidade de gestão atual.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Vera do P.L. **Fronteira Gaúcha**: Santana do Livramento. Caderno de História: Memorial do Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Cultura. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

ALBORNOZ, V. P.L. **Armour**: uma aposta no pampa. Santana do Livramento: Kunde, 2018.

ALCADIPANI, R.; ALMEIDA, A. Por fora bela viola, por dentro...: Análise crítica sobre gestão do espaço nas organizações através de um estudo de caso sobre a implementação de um escritório aberto no Brasil. **Organizações & Sociedade**. v. 7, n. 19, Set/Dez, 2002.

AQUINO, M. G. Noções de Sujeito e Poder em Leituras Foucaultianas e sua Influência nos Estudos de Organizações e Gestão de Pessoas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, n. 3, p. 448-459, 2019.

AQUINO, M. G. Reflexões sobre o Uso de um Sistema de Padronização e Gerenciamento de Qualidade como Estratégia de Gestão de Pessoas: O Governo das Condutas Através do ISO-9001, na Perspectiva da Governamentalidade em Leituras Foucaultianas. **Revista Economia & Gestão**, v. 19, n. 53, p. 117-135, 2019.

ASSEF, M. G. **No porão da fábrica**: trabalho e militância política na fronteira de Santana do Livramento/Rivera (1945/1954). 2017. 218 fl. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2017.

BANDEIRA, P. S. As raízes históricas do declínio da Região Sul. In: ALONSO, J. A. F.; BENETTI, M. D.; BANDEIRA, P. S. **Crescimento econômico da região sul do Rio Grande do Sul**: causas e perspectivas. Porto Alegre: FEE, 1994.

BATISTA, I. M.; SILVEIRA, V. C. P.; ALVES, F. D. **As desigualdades regionais no Rio Grande do Sul e o setor agropecuário**: uma análise econômica. 2005. Disponível em:

<http://coral.ufsm.br/extrural/vicentepp/arquivospdf/Anais%20CIDRAF-Inajara.pdf> Acesso em: 20/10/2022.

BERNARDINO, W. M.; NUNES, W. S. Análise dos gêneros na linguagem: a atuação e o preconceito contra os homens na área de secretariado executivo. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 4, n. 2, p. 48-72, 2013.

BRAZ, G.; BUNDE, A.; COSTA, C.; JESUS, Y. P.; MACHADO, E. T. L.; SEVERO, S. A. A importância da COOFITEC para o município de Santana do Livramento e região. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 10., 2018, Sant'Ana do Livramento. **Anais [...]**. Bagé: Unipampa, 2018.

BRITO, V. G. P.; BRITO, M. J.; CAPELLE, M. C.; BORGES, C. L. P. Relações de poder, conhecimento e gestão do desempenho. **Revista de Administração Pública**, v. 35, n. 4, p. 45-62, 2001.

CAPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L.; BRITO, M. J. Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault: uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 3, p. 356-359, 2005.

CARRASCO, B. **Lanifício Albornoz patrimônio familiar**. Disponível em: <https://youtu.be/0j04gT8f1Xk> Acesso em 06/05/2021.

CERA, F. L. B. Terceiro Setor e Biopolítica: as organizações diante da sociedade de massas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 7, n. 14, p. 311-331, 2005.

CHACON, K. C. D. S.; MAGÁN, R. O monge e o executivo: liderança, massificação ou disciplinarização? **Pensamento & Realidade**, v. 21, n. 1, p. 140-154, 2007.

CLICK RBS. **Santana do Livramento tem maior índice de evasão do Estado na última década**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/livramento/2010/11/19/santana-do-livramento-tem-o-maior-indice-de-evasao-do-estado-na-ultima-decada/> Acesso em: 18/02/2021

COSTA, A. **Frigorífico Swift Armour (Santana do Livramento) abatedouro/matadouro/frigorífico**. Disponível em: <http://wikimapia.org/1948235/pt/Frigorífico-Swift-Armour> Acesso em: 09/05/2021

COSTA, F. Z. N.; GUERRA, J. R. F.; LEÃO, A. L. M. S. O Solo Epistemológico de Michel Foucault: possibilidades de pesquisa no campo da administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 168-179, 2013.

DEE. Departamento de Economia e Estatística. **PIB municipal**: série histórica. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-municipal> Acesso em: 21/10/2022.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, v. 44, n. 2, p. 367-383, 2010.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: _____. **Ditos e Escritos IX**. Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 [1982]. pp. 118-140.

FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

FREDDO, A. C. Uma possibilidade de leitura: o taylorismo como uma "tecnologia de si"? **Revista de Administração Pública**, v. 29, n. 2, p. 71-79, 1995.

GIANOTI, A. A. **Laudo Swift Armour em ação trabalhista integral**. Disponível em: https://www2.jfrs.jus.br/wp-content/uploads/2015/07/LA_119.pdf Acesso em: 09/05/2021

GONÇALVES, D. M.; SANTOS, L. M. L. D.; CAPELARI, M. G. Relações de poder na economia solidária: um caso de autogestão em Londrina, Paraná, Brasil. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, v. 10, n. 1, p. 1-17, 2012.

GOULART, S.; MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K. Contradições e Dinâmicas Sociais e Econômicas na Fronteira da Paz. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 38, p. 7-43, 2017.

GRUPO A PLATÉIA. **Estima-se que Santana do Livramento reduziu a população em 4.549 habitantes.** Disponível em: <http://www.aplateia.com.br/2018/09/29/estima-se-que-santana-do-livramento-reduziu-a-populacao-em-4-549-habitantes/> Acesso em: 18/02/2021.

GRUPO A PLATÉIA. **Shopping Albornoz ainda em estudo.** Disponível em: <http://www.aplateia.com.br/2020/11/30/shopping-albornoz-ainda-em-estudo/> Acesso em: 09/05/2021.

GRUPO A PLATÉIA. **Cresce microempreendedores em Livramento.** Disponível em: <http://www.aplateia.com.br/2021/06/13/cresce-o-numero-de-microempresas-em-livramento/> Acesso em: 28/07/2021.

GRUPO A PLATÉIA. **Santanense é destaque em revista de Pequenas Empresas e Grandes Negócios.** Disponível em: <http://www.aplateia.com.br/2021/05/22/santanense-e-destaque-na-revista-pequenas-empresas-grandes-negocios/> Acesso em: 28/07/2021.

GUATTARI, F. **As três ecologias.** São Paulo: Papirus, 2001.

HEYDT, D. C. **Formação econômica de Santana do Livramento:** análise da pecuária como eixo estrutural. Orientador: Débora Nayar Hoof. 2016. 147 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2016.

HEYDT, D. C. ; HOFF, D. N. ; TROIAN, A. . Análise da Pecuária como eixo estrutural da formação econômica de Santana do Livramento, RS. **Revista Estratégia e Desenvolvimento - RED**, v. 2, p. 32-54, 2018.

JORNAL EM FOCO. **Até que ponto a tecnologia pode substituir o trabalho humano?**

Disponível em: <https://emfoco.anchieta.br/2018/05/25/ate-que-ponto-a-tecnologia-pode-substituir-o-trabalho-humano/> Acesso em: 10/08/2021.

MARTINS, L. A. R.; CHERMAN, A. Dinâmica de Poder nos Espaços Organizacionais de uma Administradora de Shoppings Centers: um Estudo Etnográfico. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 9, n. 3, p. 1-14, 2015.

MEDEIROS, A. L.; TEIXEIRA, M. L. M. A Potencialidade do Pensamento de Boaventura Santos para os Estudos Organizacionais. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 50, p. 166-177, 2018.

MEDEIROS, I. B. O. **Uma genealogia do management**: ensaio sobre os dispositivos da gestão no cotidiano. 167 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, 2018.

MENDES, L.; BONILHA, M. C.; ICHIKAWA, E. Y.; SACHUK, M. I. Tecnologias Sociais, Biopolíticas e Biopoder: Reflexões Críticas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 4, p. 687-700, 2015.

MOSTAGI, N. C.; MANSANO, S. R. V. Gestão Urbana e Sustentabilidade: A Construção do Ideal de uma Cidade Verde. **Gestão & Regionalidade**, v. 35, n. 103, p. 100-119, 2019.

PIGA, T. R.; MANSANO, S. R. V. Dimensões Políticas da Ação Ambiental - Um Estudo de Caso. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 36, p. 294-319, 2016.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 25/10/2022.

RAMOS, L. B. **Santana do Livramento, Economia no século XX**. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_11290/artigo_sobre_santana-do-livramento--economia-no-seculo-xx- Acesso em: 18/02/2021.

SCHÄFFER, N. O. **Urbanização na fronteira**: a expansão de Sant'Ana do Livramento/ RS.

Porto Alegre: UFRGS, 1993.

SILVA, D. S.; ENOQUE, A. G.; BORGES, A. F. Governamentalidade, Neoliberalismo e a Cultura Organizacional como Ferramenta de Controle. **Pensamento & Realidade**, v. 34, n. 2, p. 3-22, 2019.

SILVA, A. A.; MÉLLO. R. P. Subjetivação e governamentalidade: questões para psicologia. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 367-388, Maio/Ago. 2011.

SOUZA, S. P. Governamentalidade Empresarial e Saberes ADM. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 4, p. 400-407, 2019.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 4º REGIÃO. **Recurso ordinário**. Disponível em: <https://trt-4.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/16214783/recurso-ordinario-ro-380001819945040851-rs-0038000-1819945040851> Acesso em: 09/05/2021.

Submetido em 30/04/2022
Aprovado em 21/11/2022